

CAMILA ISOLA GUIMARÃES

**A INFLUÊNCIA DA VIDA PRÁTICA NAS OUTRAS
ÁREAS DO CURRÍCULO MONTESSORIANO**

CAMPINAS

1999

Camila Isola Guimarães

**A INFLUÊNCIA DA VIDA PRÁTICA NAS OUTRAS
ÁREAS DO CURRÍCULO MONTESSORIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o Curso de Pedagogia com
habilitação em Administração Escolar
da Faculdade de Educação,
UNICAMP, sob a orientação da Profa.
Maria Evelyn Pompeu do
Nascimento

Campinas

1999

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu amado marido, Christian Guimarães, que sempre me apoiou e motivou a concluí-lo.

Agradecimento

Agradeço minha professora orientadora, que durante todo o processo que exige muita dedicação e paciência, esteve presente, me trazendo incentivo, mesmo diante de tantos problemas.

"Se ajuda e salvação estão por vir, só podem vir da criança, pois a criança é a formadora do adulto".

MONTESSORI, 1967. página 4

Índice

1. Introdução.....	1
2. Minha Inserção na Escola Americana de Campinas e na Metodologia Montessoriana.....	3
3. Maria Montessori e sua Filosofia.....	9
3.1. Teoria do Desenvolvimento.....	13
3.2. Montessori na Sala de Aula.....	22
3.3. Os Professores.....	32
3.4. As Crianças.....	36
3.5. Os Pais.....	39
4. Vida Prática.....	40
4.1. Implicações Práticas.....	42
4.2. Observações.....	46
4.3. Comentários.....	65
5. Considerações Finais.....	69
6. Anexos.....	70
6.1. Parecer da Professora Orientadora.....	71
6.2. Parecer do Segundo Leitor.....	73
7. Referências Bibliográficas.....	74

1. Introdução

O principal objetivo deste trabalho de Conclusão de Curso é elucidar a forma como o método Montessoriano é apropriado na Escola Americana de Campinas e através de observações, relatar minha experiência em sala de aula que refletem a necessidade da realização das atividades de Vida Prática e quais as influências que esta área causa nas outras áreas do currículo e também na vida da criança de maneira geral.

Trata-se de Estudo de Caso na Escola Americana de Campinas objetivando verificar a forma como a metodologia Montessoriana é aplicada. Para tanto foram feitas observações em sala de aula das áreas do currículo Montessoriano (Vida Prática, Sensorial, Matemática, Linguagem, Artes, Música, Geografia, História e Ciências) com ênfase na influência e importância da Vida Prática nas outras áreas do currículo e na convivência das crianças de maneira geral dentro da sala de aula.

As observações utilizadas neste trabalho foram feitas no período de 31 de agosto à 6 de Novembro de 1999, das 8:45 às 11:00 horas da manhã. Incluem atividades das vinte crianças de três à seis anos de idade em todas as áreas do currículo e foram feitas por mim e pela professora que trabalha comigo nesta sala de aula, pois são essenciais para prosseguir com o ensino.

Neste trabalho coloquei somente observações feitas na área de vida prática no período que descrevi, apesar das observações terem se iniciado muito antes e estarem em andamento até o final do ano letivo.

Inicialmente no meu Trabalho de Conclusão de Curso pretendia verificar as implicações da metodologia Montessoriana e a forma como é utilizada, analisando até que ponto escolas que se dizem Montessorianas, realmente o são. Isso porque apesar de fisicamente as salas serem muito parecidas, com relação aos materiais, notei uma diferença no comportamento dos professores, alunos e até mesmo na disposição dos materiais nas prateleiras focalizando diferentes intuítos.

Num dos trabalhos desenvolvidos na matéria Fundamentos da Educação Infantil com a professora Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

recebi o incentivo de partir para meu Trabalho de Conclusão de Curso com as minhas anotações e pesquisas já iniciadas na área. Como tenho uma predisposição para o tema e uma verdadeira paixão pela metodologia achei mais do que propício me aprofundar no assunto.

Mas percebi que o tema necessitaria de muito mais tempo do que tinha disponível, já que apesar de manter contato com tais escolas, as respostas para questionários e detalhes sobre a aplicação do método raramente supriam as necessidades do tema. Sendo assim, optei por um tema que dependesse de minhas próprias observações e leituras.

Uma das áreas que foi responsável pela minha fascinação à metodologia é justamente a Vida Prática. Nesta área do currículo Montessoriano a criança é introduzida à atividades que são rotineiras na vida de um adulto, mas exigem grande concentração e dedicação por parte de uma criança para que esta tenha sucesso na realização de tais atividades, como por exemplo passar manteiga no pão.

Em primeiro, lugar porque nunca tinha visto nem ouvido falar em nada parecido com esta área do currículo Montessoriano. Em segundo lugar, fiquei impressionada com a capacidade das crianças em lidar com o que eu consideraria impossível para aquela faixa etária.

2. Minha Inserção na Escola Americana de Campinas e na Metodologia Montessoriana

Trabalho numa sala de aula Montessoriana, na Escola Americana de Campinas. Esta escola já tem cerca de quarenta e cinco anos de funcionamento e foi criada com o propósito de acolher crianças de pais estrangeiros que viessem a morar e trabalhar na cidade de Campinas. Sendo assim, segue os procedimentos de escolas situadas nos Estados Unidos da América. Isso quer dizer que seu ano letivo inicia em agosto e termina em junho, com um mês e meio de férias em junho e julho e um mês de férias em dezembro e janeiro. Atualmente a escola possui cerca de quatrocentos alunos entre dois à dezoito anos, sendo que quase cem desses alunos estão na pré-escola.

Paulatinamente a escola passou a receber que fogem do perfil inicialmente definido como clientela. Assim, a maioria desses alunos além de não falarem inglês, possuem pais que não falam inglês em casa, e por isso seu único contato com a língua é através da professora. Além de brasileiros e norte-americanos a escola possui um grande número de alunos suecos, e também de diversas outras nacionalidades, como por exemplo japoneses, franceses, portugueses, alemães, entre outros, que vem e vão de ano em ano mantendo o número de alunos na escola.

Esta escola começou a aplicar o método Montessoriano em 1991, com a professora Marion Wallis. Marion já havia trabalhado na Escola Graduada, em São Paulo, a qual também tinha salas de aula Montessorianas. A Escola Graduada já fazia uso do método a mais tempo do que a Escola Americana de Campinas, e por isso já havia almejado salas de aulas mais completas e profissionais com mais experiência no assunto.

A metodologia Montessoriana envolve uma série de princípios criados e praticados por Maria Montessori. Estes princípios possuem como base o tratamento que um professor deve dar ao seu aluno, tratando-o como indivíduo independente já desde que é inserido na escola, que no caso ocorre aos três anos de idade.

Ao começar com a implantação do Sistema Montessoriano, a Escola Americana de Campinas preferiu inicialmente investir em materiais, vindos do Rio de Janeiro e importados da Holanda, essenciais para o ambiente Montessoriano e no treinamento de uma professora, Juliana Dal Molin, através do instituto MECA, em Illinois, EUA. Mas havia o fato de que a sala que fora "transformada" em Montessoriana era de crianças de três anos na parte da manhã e quatro anos no período da tarde. Como o ambiente Montessoriano deve ter crianças de idades de três a seis anos, resolveram dar início a essa mistura de idades apenas com as crianças dessa sala, ou seja, de três e quatro anos, pois não havia nem professor, nem material suficiente para uma nova turma. Sendo assim, em 1991, surge a primeira sala de aula baseada no sistema Montessoriano que funcionava em dois períodos, manhã e tarde, com crianças de três a quatro anos, que foi assumida pelas professoras Marion Wallis e Juliana Dal Molin.

Passaram-se dois anos e Marion Wallis assumiu a direção da pré-escola e do primário. Como a Juliana já estava terminando seu treinamento para o curso, entrou no lugar da Marion e uma assistente de professor, Daniela Salles, que veio a se formar no curso Montessoriano de Illinois alguns anos depois, passou a auxiliá-la em sala de aula.

Em 1995, passou-se a utilizar a Metodologia Montessoriana com crianças de cinco a seis anos. Surge a segunda sala de aula Montessoriana, que funcionava no período da manhã com os princípios Montessorianos e no período da tarde com o ensino intensivo do Inglês falado e escrito. Nesta sala trabalhavam no período da manhã as professoras Muriel Sakanaka, iniciada no curso Montessoriano, Patrícia Menezes, que assim como a Marion Wallis já havia trabalhado na Escola Graduada em São Paulo e já era formada pelo curso, e eu, que era assistente de professor e iniciei o curso em junho de 1996, pois havia me interessado muito na metodologia. Consegui o emprego na Escola porque já havia estudado nos anos de 1983 à 1987, e na época era amiga da filha da Marion Wallis, que, em agosto de 1995, me colocou na posição de estagiária e em dezembro do mesmo ano assumi o cargo de assistente de professor.

Em 1996, com o aumento de alunos, houve a necessidade de se criar novas salas de aula. Passa-se a ter quatro salas com crianças de três e quatro anos e duas salas com crianças de cinco e seis anos, sendo que as seis salas tinham profissionais treinados para aplicar o método de três a seis anos e todas as salas já aplicavam o método Montessoriano.

Sentia-se a necessidade de misturar as crianças de três a seis anos, para se aproximar ainda mais da faixa etária recomendada pela Dra. Maria Montessori, e como todas as professoras foram treinadas a aplicar o método era necessário mudar.

Marion iniciou a campanha de conscientização dos pais, mas por razões pessoais teve que deixar seu trabalho na Escola Americana de Campinas, em janeiro de 1997.

A nova diretora, Deborah Murphy, assumiu em janeiro de 1997. Sua única experiência com Montessori nos Estados Unidos foi através de seus filhos que estudaram numa das dez melhores pré-escolas, a Richmond Montessori School. Apesar de nunca ter estudado profundamente o método, promoveu a ida de todos os professores envolvidos na aplicação do método, para a escola que seus filhos freqüentaram, Richmond Montessori School. Essa viagem, em janeiro de 1998, aguçou a vontade das professoras de conseguir misturar as crianças de três a seis anos na mesma sala, pois as salas que visitaram funcionavam assim.

A Escola Americana de Campinas, em agosto de 1998, passou a ter quatro pré-escolas baseadas no princípio Montessoriano no período da manhã, sendo que cada uma tinha cerca vinte e seis crianças de três à seis anos e no período da tarde somente com dez (das vinte e seis) crianças de cinco à seis anos com o ensino intensivo do Inglês falado e escrito. As professoras destas salas eram: Juliana Dal Molin, Patricia Menezes e Daniela Salles, Muriel Sakanaka e Elisa Martinelli. Passei a trabalhar como assistente da professora Elisa Martinelli, já que esta não tinha a formação Montessoriana e eu tinha acabado de completar meu curso da MECA em

tempo recorde (dois anos)*. Atualmente, divido a sala com a mesma professora, Elisa Martinelli, mas agora ocupo o cargo de professora.

Em agosto de 1999, o número de alunos por sala de aula diminuiu de vinte e seis para cerca de vinte alunos no período da manhã (das oito ao meio dia) e nove no período da tarde (do meio dia às três e meia). Isso ocorreu devido à implantação de uma sala de aula com crianças de dois e meio à três anos que possui cerca de quatorze alunos e foi assumida pela professora Patrícia Menezes. Em três meses de funcionamento já se observou que uma sala Montessoriana com crianças da mesma idade não é tão rica em estimulação já que é muito mais complicado, pois estas crianças não tem o exemplo, nem a ajuda das crianças mais velhas, assim como ocorre nas outras quatro salas de aula no período da manhã. Cada sala de aula conta com uma professora formada em Pedagogia e em Montessori, pela MECA, e uma assistente, ambas fluentes no Inglês, que é a língua falada em sala de aula, apesar da maioria dos alunos não dominarem o idioma.

Desde fevereiro de 1998, passou-se a utilizar um teste, simplesmente baseado em observações das crianças cujos pais estejam interessados que estas estudem na escola com o intuito de que os professores conheçam essas crianças e também de verificar em que estágio do desenvolvimento essas crianças se encontram. Estes testes são realizados na própria sala de aula com os materiais básicos de vida prática, sensorial, matemática, linguagem e artes. São dois professores trabalhando com cerca de cinco crianças e um terceiro professor anotando o resultado dessa interação. No final de uma hora, as crianças são dispensadas e as anotações são discutidas entre os três professores. Estes testes também servem para verificar se a criança possui condições mínimas para enfrentar um novo idioma na sala de aula.

À minha vivência pessoal numa escola que aplica a metodologia Montessoriana, acopla-se um extenso programa de visitas e observações realizadas em outras instituições que adotam o mesmo referencial

* MECA é uma escola em Hinsdale, Illinois, responsável pela formação no que diz respeito a parte Montessoriana da maioria dos professores das escolas que visitei

metodológico. Isto foi possível, em primeiro lugar, graças ao meu interesse pessoal em conhecer as demais escolas que utilizam o método para sempre inovar meus conhecimentos práticos e até mesmo trocar idéias com outros professores e em segundo lugar por interesse da própria escola em reciclar o conhecimento de seus professores, como aconteceu na minha visita à Richmond Montessori School na qual a escola cobriu todos os gastos. Tive oportunidade de visitar as seguintes instituições: Escola Graduada de São Paulo em 1996, 1997, 1998 e 1999, Smirna Creche e Escola em 1996 e 1998 (Niterói), Seton Montessori School e MECA em 1996 (ambas em Hinsdale, Illinois), Richmond Montessori School em 1998 (Richmond, Virginia), Escola Americana do Rio de Janeiro em 1998, Tip Toe Alphaville Montessori School em 1999 (Santana do Parnaíba) e Escola Americana de Campinas onde trabalho atualmente. Também desenvolvi pesquisas com professores na Faculdade de Educação.

Para desenvolver o primeiro tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso havia escolhido quatro escolas: Richmond Montessori School, Seton Montessori School, Escola Graduada de São Paulo e Smirna Creche e Escola. Escolhi essas quatro escolas devido às diversidades de cada uma.

A Richmond Montessori School é uma escola para classe média-alta nos E.U.A., onde a língua falada é o Inglês, sendo considerada uma das dez melhores pré-escolas dos Estados Unidos. Seton Montessori School é uma escola para a classe média-alta, onde a língua falada é o Inglês e tem ligação com o programa de formação de professores Montessorianos. A Escola Graduada é uma escola bem maior que as duas anteriores, também é para crianças da classe média-alta, e tem como língua oficial o Inglês, apesar de ser localizada em São Paulo, Brasil. Já a Smirna Creche e Escola, que se localiza em Niterói, Rio de Janeiro, é uma escola para crianças da classe baixa onde a língua oficial é o Português.

Como não foi possível desenvolver meu primeiro tema, decidi que, depois de ter passado, como assistente de professor, por três das quatro pré-escolas da Escola Americana de Campinas e ter visitado diversas outras escolas, já tinha um excelente enfoque para meu Trabalho de Conclusão de Curso, que era justamente a influência da Vida Prática nas outras áreas do

currículo Montessoriano. Isso porque havia percebido que cada professor tem sua própria visão da metodologia e, sendo assim sua própria visão da parte do currículo chamada Vida Prática. Passei a observar mais detalhadamente como cada faixa etária reage às diversas atividades proporcionadas por Vida Prática e como esta área influencia as demais.

Em síntese, neste meu Trabalho de Conclusão de Curso, resolvi passar para o papel minhas observações diárias e minha prática em sala de aula. Começo com um breve resumo de quem foi Maria Montessori e como funciona sua metodologia, elucidando especificamente a parte do currículo que diz respeito à vida prática. Depois relato minhas observações feitas especificamente nesta área do currículo e como vejo esta influenciando as demais áreas do currículo.

3. Maria Montessori e sua Filosofia

Maria Montessori nasceu em Chiaravalle na província de Ancona, Itália, em 31 de Agosto de 1870. Seu pai, Alessandro Montessori, era descendente de uma família nobre de Bologna. Era um militar que foi condecorado por sua bravura em ação. Com sua mãe, Renilde Stoppani, Maria Montessori teve um relacionamento de afeto e compreensão que não mudaram até sua morte em 1912¹.

Aos doze anos, seus pais se mudaram para Roma para possibilitar a sua filha única uma educação melhor que Ancona poderia lhe oferecer. Com quatorze anos, ela se interessou por matemática, interesse que carregou pelo resto da vida. Seus pais sugeriram que ela se tornasse uma professora, que era praticamente a única carreira aberta à mulheres naquela época. Mas Montessori se recusou a considerar esta hipótese. Ao invés disso passou a freqüentar uma escola técnica para meninos. Depois seu interesse se voltou para a área de biológicas. Decidiu que o que realmente queria era estudar medicina².

Esta sim, naquela época, era uma carreira para homens. Mas Maria Montessori conseguiu ser aceita na faculdade de medicina, foi a primeira mulher na Itália a conseguir tal façanha, e além disso teve muitas bolsas de estudo.

Conseguiu se tornar a primeira mulher da Itália com diploma em Doutora em Medicina, em 1896, quando foi escolhida para representar as italianas num congresso feminista em Berlim, no qual defendeu as mulheres trabalhadoras. Em 1900, fez parte de um outro congresso em Londres, no qual atacou às práticas de contratar crianças em minas na Sicília, dando apoio à defesa da exploração de crianças no trabalho.

Logo depois da sua formatura, Dra. Montessori foi designada para trabalhar como doutora assistente numa clínica psiquiátrica na Universidade de Roma. Parte do seu trabalho era de visitar os asilos dos loucos de Roma para encontrar estudos interessantes para a clínica pesquisar. Foi desta

¹ STANDING, 1957. p.21

² STANDING, 1957. p.23

maneira que se interessou pelos deficientes que, nesta época ficavam juntos com os loucos. Com o passar do tempo tornava-se cada vez mais claro para ela que deficiência mental era mais um problema pedagógico do que um problema médico. Passou a acreditar que, com uma educação especial, suas condições melhorariam muito, idéia que dividia com Jean Itard e Edouard Séguin, entre outros³.

Em 1899, num congresso pedagógico em Turim, Dra. Montessori referiu-se à sua crença de que crianças deficientes não são seres extra-sociais, e deveriam ter os benefícios da educação tanto quanto, ou até mais do que as crianças normais⁴.

Como resultado dessa fala, ela foi convidada pelo ministro da educação para dar palestras sobre o assunto. Montessori aceitou com a condição de dirigir uma escola para tais crianças, o que realmente aconteceu entre 1899 à 1901. À esta escola foram trazidas crianças consideradas deficientes de várias escolas e as que estavam nos asilos de loucos. Baseou seu trabalho em livros de Itard, Seguin e Froebel*, homens que percorreram a linha de Rousseau.

Observando crianças deficientes, Seguin descobriu que são interessadas em objetos que estimulam seus sentidos e atividade física, assim como as crianças consideradas normais até seus seis anos de idade. Sendo assim, providenciou para essas crianças atividades como passar peças diferentes por buracos de tamanhos diferentes, pedaços de pano para abotoar e fazer um laço e outras tarefas concretas e úteis para a criança.

Montessori utilizou muitos dos materiais idealizados por Seguin e criou muitos outros para seus alunos fazerem uso. O sucesso foi tanto que algumas crianças que vieram dos asilos aprenderam a ler e escrever tão bem que foram aprovadas num teste do estado para crianças não portadoras de deficiência que são realizados para avaliar em que nível estas se encontram e até mesmo para verificar o próprio ensino da rede pública.

³ STANDING, 1957. p.28

⁴ STANDING, 1957. p.29

* Segundo esses autores, não se pode simplesmente ensinar crianças retardadas a ler e escrever, pois isso acarretará frustrações. Deve-se primeiro observar a criança e anotar seus interesses espontâneos e suas tendências pessoais, para poder aproveitar suas inclinações naturais e maneiras de aprender.

Esse sucesso fez Maria Montessori pensar o que poderia haver de errado na educação das crianças não portadoras de deficiência que eram reprovadas neste tipo de teste que até mesmo seus deficientes foram capazes de ser aprovados. Passou a acreditar que se desenvolvesse um método similar de alguma forma com o que havia aplicado nas crianças portadoras de deficiência, conseguiria trazer êxito na aprendizagem das crianças que não tiveram sucesso nos testes do Estado.

Para desenvolver um método que fosse adequado para crianças não portadoras de deficiência, Dra. Montessori deixou seu emprego na escola para deficientes e apesar de já ser mestre na Universidade, passou a estudar filosofia e psicologia por mais sete anos, pois acreditava que precisava de uma formação mais profunda no assunto para somente então colocar em prática o que lhe pareceria coerente.

Nesse período Maria Montessori ocupou vários cargos importantes como por exemplo a Cadeira de Higiene num famoso colégio em Roma, foi uma examinadora permanente na Faculdade de Pedagogia e em 1904, tornou-se professora na Universidade de Roma, onde ocupou a Cadeira de Antropologia e escreveu o livro *Antropologia Pedagógica*.

Em 1907, Maria Montessori passou a lecionar crianças que habitavam uma moradia na periferia de São Lourenço, Roma. Neste lugar ela fundou a *Casa dei Bambini*⁵ uma escola para cinquenta crianças extremamente pobres, filhos de desempregados, prostitutas, pedintes e criminosos da região. Montessori assim o definiu:

*"Nossa escola era uma casa para a criança, ao invés de uma escola de verdade. Preparamos um lugar para as crianças onde uma cultura diferente pudesse ser assimilada ao meio ambiente, sem nenhuma necessidade para instrução direta*⁶."

Suas idéias eram capazes de mudar o rumo da educação no mundo. Mas, de alguma forma, pareciam muito avançadas para o rumo educacional

⁵ Casa da Criança

⁶ MONTESSORI, 1967. p.6

da época, e apesar de Maria Montessori ter divulgado suas idéias inclusive nas Américas, no Brasil só era lembrada pelos seus seguidores.

Foi na década de sessenta que seu trabalho voltou a ser procurado por psicólogos, educadores e o público em geral e até hoje vem sendo mais e mais divulgado e aplicado por escolas no mundo inteiro.

3.1. Teoria do Desenvolvimento

"Os tempos mudaram, e a ciência teve um enorme progresso, assim como nosso trabalho; mas nossos princípios só vieram a ser confirmados, e junto com eles as nossas convicções de que a humanidade deve encontrar esperanças para uma solução dos nossos problemas, dos quais os mais importantes são os de paz e unidade, somente dedicando sua atenção e energia para a descoberta da criança e para o desenvolvimento das grandes potencialidades da personalidade humana no curso de sua formação.⁷"

Dra. Montessori afirma que seu objetivo é de mostrar sua experiência prática para dar margens à novas metodologias capazes de inserir a experiência científica na área da Educação sem passar por cima dos fundamentos principais.

Segundo ela, se ajuda e salvação estão por vir, só pode ser através das crianças, pois estas serão os homens. A criança possui poderes desconhecidos, que pode nos levar a um futuro radiante. Se o que nós realmente queremos é um novo mundo, então a educação deve ter como objetivo o desenvolvimento dessa força escondida⁸.

Essa aprendizagem deve começar desde o momento do nascimento da criança e ser para a vida. Montessori chama a criança recém-nascida de embrião espiritual. Para Montessori o homem difere dos demais animais por ter o que ela considera de duas fases embrionárias, uma pré e outra pós-natal. Na fase pós-natal, na qual a criança é um embrião espiritual, a criança não somente adquire as características do homem, mas também constrói condições para se adaptar ao mundo ao seu redor⁹.

Segundo Montessori os dois primeiros anos de vida são os de maior importância, pois tudo que somos foi construído por nós nos dois primeiros

⁷ Maria Montessori - Poona, Novembro de 1948; Prefácio da 3ª edição do livro: " The Discovery of the Child"

⁸ MONTESSORI, 1967. p. 4

⁹ MONTESSORI, 1967. p.63

anos de nossas vidas. Aprendemos a falar, a reconhecer as pessoas, formamos conceitos religiosos, sociais, psíquicos, entre outros.

Aos três anos, a criança já estabeleceu as bases para sua personalidade como ser humano e só então passa a necessitar da ajuda especial escolarizada.

Maria Montessori divide a vida humana em três estágios diferentes de crescimento.

O primeiro vai do nascimento aos seis anos e é subdividido em outros dois subestágios. Uma é do nascimento aos três anos, na qual a criança tem um tipo de mente na qual o adulto não pode exercer influência direta. No outro subestágio, dos três aos seis anos, o tipo de mente é o mesmo mas em algumas coisas as crianças passam a ser suscetíveis à influência adulta¹⁰.

O próximo estágio da vida humana começa aos seis e chega aos doze anos. A criança está calma e feliz. Mentalmente, está num estado saudável, forte e estabilidade assegurada¹¹.

O terceiro estágio é dos doze aos dezoito anos. Também é subdividido em dois subestágios. Um vai dos doze aos quinze e o outro dos quinze aos dezoito. Depois desses estágios o homem só cresce em idade¹².

Durante esses estágios a criança vai conquistando sua independência. Quando nasce a criança deixa de depender diretamente do corpo de sua mãe para viver. Depois passa a ser independente do leite que sua mãe o amamentava. Passa a andar e falar por conta própria, e assim por diante, conquistando passo a passo sua independência. Essa independência é uma necessidade da criança para garantir sua felicidade. Uma criança que não tenha esse desejo de independência, ao invés de felicidade em estar no meio em que vive, passa a ter medo deste¹³.

A criança nasce com o que Montessori chama de mente absorvente. Ela é capaz de absorver tudo que se encontra ao seu redor. Por isso,

¹⁰ MONTESSORI, 1967. p.19

¹¹ MONTESSORI, 1967. p.19

¹² MONTESSORI, 1967. p.20

¹³ MONTESSORI, 1967. p.85

especialmente no primeiro momento da vida, temos que tornar o ambiente o mais atraente possível.

Para Montessori, a linguagem é uma das maneiras da criança interagir com o meio. A linguagem surge na infância num processo natural e inconsciente, diferente de quando somos adultos e queremos aprender uma segunda língua. Segundo ela, a única língua em que nos comunicamos com perfeição é aquela que aprendemos na convivência com nossos familiares. Aprendemos como usar gramaticalmente as palavras sem nem ao menos ter frequentado qualquer tipo de escola. Nossos pais não precisam nos ensinar a falar, mas nós aprendemos mesmo assim. É uma necessidade do ser humano de se expressar que nos diferencia das outras espécies na Terra¹⁴.

Ela acreditava que a aprendizagem ocorre por conta própria. Por isso é necessário se ter vontade de aprender. A filosofia Montessoriana acredita que para uma criança aprender o ambiente de aprendizado deverá permitir, entre outras coisas, a satisfação da criança em aprender sozinha. Para que isso aconteça é necessário que o professor observe atentamente as preferências e necessidades de cada criança para proporcionar-lhe as apresentações das atividades de interesse e que estejam dentro de sua capacidade de aprendizagem naquele momento, evitando qualquer tipo de frustração.

Com isso a criança passa a ter uma auto-confiança que lhe permitirá desenvolver hábitos de iniciativa própria, nos quais irá procurar, por conta própria atividades em que poderá repetir o que já aprendeu, ensinar aos colegas ou até mesmo aprender algo novo.

O método promove o desenvolvimento da concentração. As atividades propostas fazem as crianças aprenderem a trabalhar e brincar com os outros além de trabalhar e brincar sozinho. Aprende também a dividir suas experiências, idéias e os materiais.

Maria Montessori acreditava que a criança aprende e pensa bem diferente dos adultos. O componente central da sua teoria são os períodos sensíveis. O cientista holandês, Hugo de Vries descobriu esses períodos

¹⁴ MONTESSORI, 1967. p.108

sensíveis nos animais e Maria Montessori descobriu na sua escola que também existem em crianças.

Um período sensível refere-se a uma sensibilidade especial que uma criatura possui no seu estado infantil, enquanto ainda está em evolução. É uma disposição passageira e limitada à aquisição de uma determinada peculiaridade. Uma vez que essa peculiaridade ou característica foi adquirida, a sensibilidade especial desaparece. Toda característica específica de uma criatura é adquirida com a ajuda de um impulso passageiro. Sendo assim, o desenvolvimento não deve ser atribuído à uma vaga predeterminação congênita mas sim aos esforços que são cuidadosamente guiados por instintos passageiros ou periódicos. Estes dão a direção fornecendo um impulso à um determinado tipo de atividade que pode ser notavelmente diferenciada da de um adulto da mesma espécie... Uma falha ao seguir esses impulsos significa que a criança se torna desamparada e inapta. Os adultos não têm nenhuma influência direta nesses estados diferentes. Mas se a criança não foi capaz de agir de acordo com as diretrizes dos seus períodos sensíveis, a oportunidade de uma conquista natural se perde. A criança aprende e se ajusta ao meio através dos períodos sensíveis. É esta sensibilidade que permite à criança entrar em contato com o mundo externo de maneira mais intensa... Quando o período sensível desaparece, vitórias intelectuais são visíveis através de processos de raciocínio e esforços voluntários. Daí surge a preocupação com o trabalho. Esta é a diferença essencial entre a psicologia das crianças e dos adultos¹⁵.

Se a criança não tiver acesso à experiências que permitam seu desenvolvimento de acordo com seu período sensível, no tempo certo, sofrerá um distúrbio no seu desenvolvimento¹⁶. Maria Montessori divide os períodos sensíveis em:

¹⁵ MONTESSORI, 1966. p.38

¹⁶ MONTESSORI, 1966. p.42

Período Sensível para Ordem:

Durante o primeiro período sensível, ou seja, nos três primeiros anos de vida, a criança tem grande necessidade de ordem. Crianças de colo chegam a se irritar ao verem algo fora do lugar e assim que começam a se movimentar passam a colocar tudo onde deveria estar. Mas existe uma diferença entre o senso de ordem de um adulto e de uma criança. Para o adulto, organizar as coisas é para um prazer externo a ele, sendo que para a criança nesse período sensível, a ordem é fundamental para seu senso de orientação.

Um exemplo é "de uma garotinha de seis meses de idade que viu uma mulher entrar no quarto em que estava e colocar seu guarda-chuva em cima da mesa. A garotinha ficou agitada e após ficar olhando por algum tempo o guarda-chuva pôs-se a chorar. A mulher, pensando que a criança queria o guarda-chuva, levou-o à garotinha com um enorme sorriso. Mas a criança empurrou o guarda-chuva e continuou a chorar. Tentou-se de tudo para acalmar a criança, mas nada mudava sua atitude, pelo contrário, ela passava a chorar mais ainda. De repente, a mãe da criança teve um "insight" psicológico e levou o guarda-chuva para outro quarto. Imediatamente a criança se acalmou. A causa do choro era o guarda-chuva em cima da mesa. Um objeto fora do lugar havia afetado o padrão de ordem que a criança tinha de como os objetos devem ser organizados¹⁷".

Período Sensível para Detalhes:

Entre um e dois anos de idade, a criança fixa sua atenção nos mínimos detalhes. Por exemplo, elas percebem insetos pequenos que fogem da nossa percepção. Ou, se as mostramos uma foto, elas parecem não considerar o que os adultos consideram o mais importante, e, ao invés

¹⁷ MONTESSORI, 1966. p.50

disso, focalizam em pequenos objetos no fundo. Esta preocupação com detalhes mostra uma mudança no desenvolvimento psíquico da criança. Enquanto antes elas se fixavam em objetos enfeitados ou luminosos ou coloridos, elas estão agora tentando preencher suas experiências o mais completamente possível¹⁸.

Período Sensível para Utilização das Mãos:

Para Maria Montessori os dois movimentos corporais que mais distinguem os homens de outros animais são os movimentos da língua, que nos permite falar, e das mãos, que usamos para o trabalho.

"A mão humana, tão delicada e complicada, não somente permite que todo o ser tenha um contato especial com o meio. Podemos até dizer que o homem envolve o meio com suas mãos. Suas mãos sobre as ordens do seu intelecto transformam o meio e permite que cumpra sua missão para com o mundo... Como uma criança desenvolve através de seus movimentos, através do trabalho de suas mãos, necessita de objetos os quais possa trabalhar que acarretem motivação para sua atividade¹⁹."

Dos dezoito meses até os três anos de idade, as crianças estão constantemente pegando objetos. Elas particularmente adoram abrir e fechar objetos, colocar um objeto dentro de outro, transferir água de um lugar para outro, entre outros. Um exemplo é:

"Uma criança com dezoito meses que encontrou uma pilha de guardanapos recentemente passados. A pequena criança pegou um dos guardanapos e segurou com todo cuidado. Colocou uma de suas mãos em cima para impedir que o guardanapo desdobrasse e carregou para o outro lado da sala onde o colocou

¹⁸ CRAIN, 1980, p.59

¹⁹ MONTESSORI, 1966, p.81

no chão e disse "um". Voltou como havia vindo, uma indicação clara de que estava sendo guiada por uma sensibilidade especial. Levou o segundo guardanapo como havia levado o primeiro e o colocou sobre este, e novamente disse "um". Repetiu sua atitude até levar todos os guardanapos para o outro lado da sala. Depois, inverteu o processo e trouxe todos os guardanapos de volta, um por um²⁰."

Período Sensível para Andar:

É o período mais visível. Para Montessori, aprender a andar é como um segundo nascimento, a criança passa de um ser passivo para um ser ativo. As crianças são levadas por uma vontade irresistível de andar, e assim que aprendem passam a demonstrar com orgulho o que aprenderam. Mas é importante ressaltar que o adulto anda para chegar em algum lugar, já a criança anda para aperfeiçoar suas funções e seu objetivo vem de dentro dela. Um dia Montessori observou um pai caminhando com seu filho de cerca de um ano e meio, e citou esta caminha da como um excelente exemplo para o desenvolvimento da criança que está aprendendo a andar.

"Ambos caminhavam quando de repente o filho envolveu a prena do pai com seus braços e passou a girar em torno dela. O pai parou e deixou que o filho completasse sua brincadeira. Assim que o garoto parou, voltaram a andar até que o garoto sentou-se num degrau na calçada. O pai parou à sua frente e esperou até que o garoto voltasse a caminhar para só então acompanhá-lo. Não estava fazendo nada de excepcional. Ele era simplesmente um pai levando seu filho para passear²¹."

²⁰ MONTESSORI, 1966. p.83

²¹ MONTESSORI, 1966. p.76

Período Sensível para Linguagem:

Mais ou menos aos quatro meses de vida, o bebê percebe que a "música" misteriosa, que o cerca e que o toca tanto, vem da boca de um ser humano. A boca e os lábios a produz através de seus movimentos. Poucas pessoas percebem o quanto um bebê observa os lábios de um adulto mexendo; ele observa e tenta imitar seus movimentos. Esses movimentos foram inconscientes... mas surge um interesse consciente e isso reforça sua atenção, levando à uma série de caminhos inteligentes. Aos seis meses a criança produz sons silábicos... logo depois, aos dez meses a criança percebe que essa música tem um propósito, possuem um significado com cerca de um ano de idade a criança diz sua primeira palavra intencionalmente. Com mais ou menos um ano e meio a criança percebe que cada coisa tem seu próprio nome²².

Outro conceito muito importante na filosofia Montessoriana é o de normalização.

Normalização vem através da concentração numa determinada atividade. Por isso devemos fornecer um objetivo para a atividade que seja tão bem adaptado ao interesse da criança que provocará sua profunda atenção. O sucesso de uma criança depende no uso do objeto para os propósitos que vem a servir, algo que conduza à ordem mental da criança. Se são usados com precisão e cuidado, levam a criança à coordenação de seus movimentos.

Ordem mental e coordenação de movimentos guiados por parâmetros científicos são os preparativos que levam à concentração e uma vez que isto aconteça, liberta as atitudes da criança e a leva à cura de seus defeitos. Montessori utiliza a palavra concentração e não somente ocupação, porque se a criança vai indiferentemente de uma atividade para outra, mesmo usando todas adequadamente, não é o suficiente para curar seus defeitos.

O que é essencial é a tarefa despertar tamanho interesse que envolva toda a personalidade da criança. Segundo ela, somente crianças normalizadas, com a ajuda do meio, mostram no seu desenvolvimento

²² MONTESSORI, 1967. p.116

aqueles poderes maravilhosos que chamamos de disciplina espontânea, trabalho contínuo e feliz, sentimentos sociais de ajuda e simpatia por outros. Passam a escolher suas atividades. A cura de suas desordens é a passagem para esse novo tipo de vida ²³.

Para Maria Montessori também é essencial que uma escola permita que as atividades de uma criança se desenvolvam com liberdade. Esta é a mudança essencial se uma forma científica de educação for aplicada. Para a Dra. Montessori, liberdade é libertação de uma vida reprimida por um número infinito de obstáculos que se opõem à seu desenvolvimento harmonioso, psicológico e espiritual. Este é um tema de máxima importância, mesmo assim, até hoje tem escapado da percepção de muitos homens²⁴.

Um exemplo que Maria Montessori cita é a criação de cadeiras e carteiras enfileiradas numa sala de aula que dizem fazer bem para a coluna e higiene de cada criança, quando na verdade é somente uma boa maneira de manter as crianças sob controle.

Muitas pessoas se questionam como pode se ter disciplina numa classe onde as crianças são livres para se mover? No sistema Montessoriano tem-se outro conceito de disciplina. A disciplina que se procura é ativa. Para os seguidores desta filosofia uma criança não é disciplinada somente quando está em silêncio. Acredita-se que um indivíduo é disciplinado quando é mestre de si e quando consegue, como consequência, controlar quando deve seguir uma regra da vida. Para Maria Montessori, conceito de disciplina não é tão fácil de entender ou aplicar. Mas com certeza incorpora um princípio sublime da educação²⁵.

²³ MONTESSORI, 1967. p.206

²⁴ MONTESSORI, 1962. p.9

3.2. Montessori na Sala de Aula

Ao completar três anos, uma criança pode freqüentar uma sala de aula Montessoriana (apesar de existir algumas escolas que aceitam crianças desde quando estão na barriga de suas mães para prepará-la para receber seu filho e futuro aluno da escola desde seus zero anos). Essas crianças se misturam com outras de até seis anos de idade. Existem escolas que prosseguem com suas salas de aula para crianças mais velhas, chegando, inclusive ao terceiro colegial, mas todas com idades misturadas de três em três anos.

O material que usado por Maria Montessori para o desenvolvimento dos sentidos das crianças tem uma história própria. Foram tirados parcialmente dos materiais usados por Itard e Seguin na tentativa de educar crianças retardadas e com deficiência mental, parcialmente por objetos usados em testes psicológicos e parcialmente por materiais desenhados por ela mesma nos seus trabalhos experimentais. Tudo nesses objetos, cor, tamanho, formato, etc., foram determinados por experiência²⁶.

Diferente de muitos filósofos educacionais, Montessori desenvolveu um método para aplicar sua filosofia. Ela queria que seu método fosse considerado aberto à mudanças e não um sistema fixo. Acreditava na inovação na sala de aula, e toda sua abordagem educacional foi baseado em constantes experimentação que por sua vez eram baseadas em observações na criança²⁷.

Há uma coisa básica para se observar: as crianças devem estar livres para se expressarem e por isso revelar suas necessidades que estariam escondidas num meio em que não permita que sua atitude seja espontânea²⁸.

Para tanto, a sala deverá ter materiais ligados aos períodos sensíveis das crianças os quais elas irão manipular e trabalhar com entusiasmo por

²⁵ MONTESSORI, 1966. p.49

²⁶ MONTESSORI, 1962. p.99

²⁷ LILLARD, 1972.p.50

²⁸ MONTESSORI, 1962. p.46

conta própria e não poderá conter nada que possa ser um obstáculo para o desenvolvimento da criança.

A estrutura e a ordem são dois outros elementos chaves numa sala de aula Montessoriana. Ambos serão internalizados pela criança e irão desenvolver o próprio senso de ordem e inteligência desta criança. A estrutura permite que a criança saiba onde encontrar determinada atividade que queira trabalhar. Para ajudar à escolha da criança, as atividades estão agrupadas de acordo com o interesse das crianças, sendo organizados em sequência com seu grau de dificuldade. Ordem significa que a criança tem a segurança de ter um ciclo completo numa determinada atividade. Ela encontrará tudo o que precisa para realizar sua tarefa; nada estará quebrado ou faltando. Ninguém poderá interromper ou interferir no seu trabalho. A criança colocará o material no seu devido lugar nas condições que o encontrou²⁹.

Outros dois componentes do ambiente Montessoriano são a realidade e a natureza. A criança deve ter a chance de internalizar os limites da natureza e da realidade para se libertar de suas fantasias e ilusões, físico e psicologicamente. Somente desta maneira poderá desenvolver a disciplina e a segurança que precisa para explorar seu mundo interno e externo e se tornar um observador apurado e apreciador da vida. Sendo assim, os materiais da sala de aula devem a criança a um contato mais próximo da realidade. Montessori enfatizava a importância do contato com a natureza para o desenvolvimento de uma criança. A forma que escolhia para colocar a criança em contato com a natureza era através do cuidado com as plantas. A sala e envolta dela devem ser vivas com coisas que crescem e que ficam aos cuidados das crianças³⁰.

A beleza e uma atmosfera que permita uma reação positiva e espontânea à vida são mais dois princípios que devem fazer parte do ambiente Montessoriano. A classe deve ter seus materiais e móveis colocados de maneira a se tornar atraentes aos olhos da criança. As cores

²⁹ LILLARD, 1972. p.57

³⁰ LILLARD, 1972. p.58,59

devem ser vivas. A atmosfera deve ser harmoniosa, relaxante e aconchegante, que convide à participação.

A criação espontânea das crianças de uma vida comunitária é um dos mais apreciáveis resultados da abordagem Montessoriana. Acontece devido à diversos fatores do método Montessoriano. Um desses fatores é o senso de responsabilidade que a criança desenvolve para com o meio, principalmente porque a classe é delas, só delas. Não há nada que pertença à professora, nem uma cadeira ou carteira que seja do tamanho de um adulto. As crianças são responsáveis por manter a ordem e os cuidados diários da classe³¹.

Outro fator primordial para a convivência social é a responsabilidade pelos seus colegas. Através da liberdade que possuem em interagir com seus colegas a qualquer momento, surge um desejo espontâneo de ajudar seus colegas. Por exemplo, quando uma criança quebra um vidro, as outras a ajudam a limpar os cacos e jogar no lixo.

Ter crianças de idades variadas ajuda muito na formação de uma comunidade. Isso porque as crianças mais velhas ajudam espontaneamente as mais novas, e ainda lhes servem como inspiração.

Os materiais de uma sala de aula Montessoriana podem ser comprados prontos ou feitos pelos próprio professor. São três os propósitos desses materiais. Um desses propósitos é estimular o desejo natural da criança de agir e aprender através da ação. Outro objetivo do material Montessoriano é fornecer ações que devem estimular na criança um controle melhor do seu corpo e suas vontades. E enfim, este material deverá levar a criança de um único movimento para outros mais difíceis.

A característica básica desse material é que os objetos são reais e procuram inclusive colocar a criança em contato com materiais que a criança não tem o costume de manipular como por exemplo o vidro, a madeira, palha, entre outros que já foram substituídos principalmente por plásticos. Numa sala de aula Montessoriana não existe brinquedos, mas todas as atividades são muito atraentes.

³¹ LILLARD, 1972. p.74,75

Há somente um material de cada, mas tem atividades suficiente para que cada uma das crianças possa trabalhar.

A criança aprende a esperar até que outra termine de usar atividade que queira. Percebe que deve respeitar o trabalho do outro, não porque alguém a mandou respeitar, mas porque é uma realidade que encontra na sua experiência diária³².

As dificuldades encontradas em cada atividade são isoladas e os materiais progredem nas prateleiras do mais simples para o mais complexo. Todas as atividades preparam a criança para uma aprendizagem futura que pode ser desenvolvida numa mesma atividade ou até mesmo em outras. As atividades partem sempre do concreto para o abstrato facilitando muito a aprendizagem sendo auto-educativas³³.

Todos os materiais possuem controle de erro. O controle de erro é algum tipo de indicador que nos mostra se estamos atingindo nosso objetivo, ou não. Suponha que quero visitar determinada cidade, mas não sei onde fica. Por segurança procuro num mapa. Vendo um sinal de que estou próxima, fico segura, do contrário, percebo que estou errada. Estes sinais são a ajuda das quais se eu não tivesse, teria que ficar perguntando para outras pessoas recebendo ou não respostas que poderiam inclusive ser erradas. Sinais de confiança e a possibilidade de estar verificando o caminho, são princípios essenciais para chegar a qualquer lugar. É a possibilidade de perceber por conta própria seus erros. Isso deve ocorrer nos materiais em sala de aula³⁴.

São divididos em quatro categorias: Vida Prática, Sensorial, Acadêmico e Cultural & Artístico.

Geralmente a criança é introduzida às atividades da vida prática. Isto acontece porque envolve tarefas simples e precisas, as quais as crianças já observaram algum adulto realizando no ambiente da sua casa e por isso quer imitar. Esta vontade de imitar é intelectual por natureza, pois é baseada em observações e conhecimento prévios. Devido ao fato desses exercícios terem suas raízes no meio e cultura em que a criança já vive não

³² LILLARD, 1972. p.58

³³ LILLARD, 1972. p.60,61

há lista de materiais pré-determinada. O professor deve seus próprios exercícios, usando materiais baseados nos princípios Montessorianos de beleza e simplicidade, isolamento de dificuldades, variando do mais simples ao mais complexo e com uma preparação indireta para outros materiais. Os objetivos desses materiais são de auxiliar no desenvolvimento da disciplina, organização, independência, e autoestima através da concentração num ciclo preciso e completo de atividade³⁵.

Através das atividades apresentadas na Vida Prática a criança aprende à apreciar livros e os outros materiais da sala de aula e começa a perceber o mundo à sua volta. A criança aprende a lidar com situações do cotidiano com atividades dirigidas para as práticas da sua vida diária que exige movimentos que são desenvolvidos inicialmente com essas atividades. Há três subdivisões dentro da vida prática. Uma dessas subdivisões é o cuidado consigo, no qual a criança aprende a lavar as mãos, escovar os dentes, abotoar, se trocar, entre outros que levam a criança a se tornar independente de um adulto para promover suas necessidades básicas. Outra subdivisão permite a criança criar também um respeito muito grande com a sala de aula através dos cuidados com o meio, no qual aprende a molhar as plantas, cuidar de algum animal da classe, limpar as mesas, etc. Na terceira subdivisão da vida prática as crianças aprendem a cumprimentar seus colegas e os outros, a pedir desculpas, agradecer, pedir por favor, entre outros procedimentos essenciais para a convivência social. São os passos iniciais de concentração e ordem.

Depois de terem os conceitos oferecidos pelas atividades da vida prática a criança pode ser introduzida aos conceitos dos materiais sensoriais. O objetivo destes materiais é de educar e aperfeiçoar os sentidos: visual, auditivo, olfativo, gustatório e tátil. Esta educação não é para auxiliar no funcionamento desses sentidos; mas sim para auxiliar a criança no desenvolvimento da sua inteligência, que depende da

³⁴ MONTESSORI, 1967, p.248

³⁵ LILLARD, 1972, p.70,71

categorização e organização dos seus sentidos preceptivos numa ordem mental interna³⁶.

Os materiais acadêmicos são usados para ensinar inicialmente linguagem, escrita e leitura, matemática, geografia e ciências; são uma progressão natural do *aparatus sensorial*. Eles funcionam baseados no conhecimento interno que a criança recebeu através da prévia manipulação dos níveis sensoriais concretos levando a criança para outros muito mais abstratos. O primeiro objetivo dos materiais acadêmicos também é algo interno. Não é para acumular uma quantidade de conhecimento, mas sim para saciar seu desejo de de aprendizagem e o desenvolvimento de seus potenciais naturais³⁷.

A matemática é introduzida inicialmente através dos materiais sensoriais, depois com a grande variedade de materiais concretos se introduz conceitos abstratos. A linguagem, assim como a matemática, também é introduzida de maneira concreta com atividades orais que muito tem haver com o cotidiano da criança. Mais tarde a criança passa a construir palavras com letras que podem tocar e logo aprendem a ler. Em história o calendário, o relógio, dia e noite, entre outros vão sendo apresentados às crianças de forma simples e fáceis. Na área de ciências, as crianças podem aprender desde o que tem ou não vida até o reino animal completo, passando por atividades concretas e muitas vezes em contato com o ambiente real. Geografia pode ser introduzida através dos conceitos de ar, água e terra e partir para os mapas do mundo, dos continentes, os diversos povos e suas culturas, etc.

Os materiais culturais e artísticos lidam com expressão e comunicação de idéias, como acontece em música, artes e desenvolvimento psico-motor. As mãos das crianças devem se tornar um meio de comunicação, e assim como a criança está sempre falando ela estará desenhando. Ela se expressa através de suas cordas vocais e suas mãos, mostrando tendências que ainda estão inconscientes³⁸.

³⁶ LILLARD, 1972. p.71

³⁷ LILLARD, 1972. p.72

³⁸ MONTESSORI, 1962. p.283

Montessori acreditava que a criança deve ouvir muita música. Seu ambiente deve desenvolver na criança um sentimento e uma compreensão da música. Montessori designou alguns princípios e equipamentos que podem ser universalmente utilizados.

Na parte de artes, "nós não ensinamos uma criança a desenhar desenhando, mas damos a oportunidade dela preparar seus meios de expressão. Considero isso uma grande ajuda para o desenho livre... Outro tipo de ajuda que damos à atividade de desenhar é a mesma que damos à qualquer outro tipo de aprendizagem. Consiste na análise das dificuldades dos vários componentes de vários objetos. No desenho em si existem vários componentes, como o contorno e as cores... E por fim figuras artísticas podem ser feitas através do corte de papel colorido... cientificamente preparados de acordo com suas cores que farão a criança apreciar a harmonia de diversas cores e suas combinações³⁹."

A preparação dos órgãos motores para exercícios de ginástica rítmica podem ser vistos em exercícios como "andar na linha", no qual a criança adquire o senso de equilíbrio perfeito. Ao mesmo tempo aprendem como controlar os movimentos dos pés e mãos. É nesta hora que a música pode ser introduzida como ajuda para alcançar seus objetivos⁴⁰.

Esta atividade é desenvolvida de maneira que a criança anda no ritmo da música. Mais tarde podem ser introduzidas outras formas de exercícios que acompanhem os diversos ritmos de músicas existentes, como por exemplo correr, pular mover os braços, cabeça, etc. de acordo com o ritmo da música sempre seguindo uma linha desenhada no chão. Caso a criança passe a dançar ao invés de realizar a atividade, a linha servirá então somente para manter seu senso de ordem com relação à sala de aula.

³⁹ MONTESSORI, 1962. p.280, 281

⁴⁰ MONTESSORI, 1966. p.288

Logo depois, se introduz as reproduções musicais como estudo de harmonia e melodia.

Uma criança pode se exercitar através instrumentos adequados ao seu tamanho e potencialidade, e se puder usá-los livremente, sem estar pressionada pelas técnicas musicais. Quando tais instrumentos estão disponíveis, é dada a criança algumas lições breves de como usar tais instrumentos, assim como as apresentações que recebe em qualquer outra atividade. Isso coloca a criança na condição de tocar por conta própria, e devido a simplicidade dos instrumentos, ela desenvolve um interesse nesses instrumentos⁴¹.

O último passo no ensino da música é quando a criança passa a conseguir ler e escrever músicas. Esta atividade é baseada em exercícios sensoriais que tem relação com o reconhecimento dos sons musicais fornecidas nos sinos, que são inicialmente pareados e depois organizados de acordo com o som⁴².

Quando uma criança está pronta para iniciar o treinamento sensorial, as apresentações são dadas individualmente. A professora escolhe a atividade que acredita ser adequada às necessidades da criança. Quanto menos se falar durante uma apresentação melhor. As palavras devem ser muito bem escolhidas para manter o foco na atividade. A apresentação deve ser o mais simples possível e ser objetiva. O professor deverá perceber o nível de interesse da criança e continuar com a apresentação somente se a criança realmente estiver interessada. Quando há um vocabulário novo a ser acrescentado, existe o que Maria Montessori chamava de Lição de três períodos. No primeiro o professor mostra o objeto a ser ensinado e diz: " Isto é... e isto é...". Depois o professor pede: " Me mostra ... me mostra..." e por fim " O que é isso... e o que é isso.

Imagine , por exemplo, que um professor queira mostrar a uma criança a diferença entre vermelho e azul. Atrai a atenção da criança para os objetos e diz:" Preste atenção!" Mostra o objeto vermelho e diz: " Este é vermelho " aumenta o tom da voz e pausadamente diz: " Vermelho. " Logo

⁴¹ MONTESSORI, 1962, p.290

⁴² MONTESSORI, 1962, p.291

em seguida mostra o objeto azul e diz: " Este é azul". para ver se a criança entendeu, ou não o professor diz: " Mostre-me o vermelho. Mostre-me o azul." Suponha que a criança cometa um erro; o professor nem repete a lição nem insiste em continuar. Sorri e guarda o material⁴³.

Cada material tem uma primeira maneira de ser apresentado. mas pode ser utilizado de muitas outras formas de acordo com o objetivo e a criança. Os albuns desenvolvidos pelo professor de cada uma das áreas possuem a apresentação de todos os materiais da sala para que o professor possa consultá-lo em caso de dúvida em alguma apresentação. É importante seguir cada passo da apresentação para se ter certeza de que se está atingindo o objetivo pré-determinado. Abaixo segue um modelo de apresentação do material que mostra o substantivo para a criança:

Substantivo

Idade: 4 em diante

Pré-requisitos: Boa base de linguagem oral; maioria das letras de lixa; entendimento do que é uma palavra; já sabendo decodificar algumas palavras, incluindo a formação de palavras com o alfabeto móvel; sabendo colocar os nomes da fazenda no lugar correspondente.

Apresentação (individual ou grupo pequeno):

1. Convidar a criança ;
2. Falar o nome da atividade enquanto mostra seu lugar na prateleira;
3. Perguntar para a criança o nome de cinco à nove objetos na atividade. Enquanto a criança diz o nome, escreva bem cuidadosamente num pedaço de papel pequeno. Use a mesma letra que a criança conhece das atividades anteriores;
4. Cada criança deverá "ler" o que ditou para você escrever. Dê o papel para a criança, peça para ela ler o que diz e colocar no objeto correspondente;

⁴³ MONTESSORI, 1966. p.107

5. Enquanto continua com os outros objetos passe a utilizar a palavra substantivo: "Deixe-me escrever o substantivo que você mostrou."
6. Quando terminar de escrever todas as palavras, junte todos os papéis numa coluna: "Essas palavras são nomes de coisas, essas palavras são substantivos. Você consegue dizer: Substantivo?"
7. Dê a chance à criança de ler e recolocar os papéis próximo de seu objeto correspondente, ou de copiar os substantivos na lousa móvel, ou ainda no seu próprio pedaço de papel.

Variações: Pode-se pedir para a criança trazer os objetos.

Extensões: Fazer listas dos substantivos presentes na sala.

Ponto de Interesse: Ver o nome de um objeto escrito; primeira idéia de classes nominais.

Controle de Erro: A professora observa para ter certeza de que a palavra está no objeto correspondente.

Objetivo Direto: Introdução ao substantivo; a idéia de que palavras são agrupadas de acordo com suas funções, e que palavras que dão nome a algo são substantivos.

Objetivo Indireto: Mais experiência com a linguagem escrita e oral; preparação para outros trabalhos com substantivo e outras funções da escrita.

3.3. Os Professores

Montessori chamava o Educador de Orientador porque numa sala de aula Montessoriana este tem como função, simplesmente orientar a criança para as atividades da sala de aula. Ele deve conhecer as necessidades da criança, preparar o meio ambiente, programar os materiais e as apresentações proteger o direito da criança de aprender.

Segundo ela, o que é bem difícil para alguém que quer se tornar um professor Montessoriano é que a tarefa inclui muito pouco de ensinar a classe como um todo. A visão que todos nós temos de professor, que fica de pé em frente à lousa e dando boas lições para a classe inteira, não é o que os professores Montessorianos fazem. As horas que são trabalhadas em grupo são de vinte à quarenta minutos num dia escolar de duas à três horas e meia. Estes minutos em grupo incluem diversas atividades, como por exemplo, novidades para expor ao grupo, discussões sobre o que as crianças fizeram ou irão fazer, chamada, calendário, músicas, e estórias. Uma apresentação curta em grupo também pode ser feita nesse período, mas isso não acontece todos os dias, e deve durar menos de cinco minutos⁴⁴.

Maria Montessori defendia que é necessária uma preparação espiritual:

"Insistimos no fato de que o professor deve preparar seu interior por estudar sistematicamente ele mesmo para tirar seus maiores defeitos, aqueles que o impediriam de se relacionar com a criança. Para descobrirmos esses defeitos, precisamos de uma instrução especial. Precisamos nos ver como os outros nos veem⁴⁵".

O professor tem que se preparar. Tem que deixar sua criatividade fluir e ter a expectativa de que a criança irá se revelar através do trabalho.

⁴⁴ CHATTIN-MCNICHOLS, 1992. p.56

⁴⁵ MONTESSORI, 1966. p.149

No processo de preparação o primeiro passo é manter a sala em perfeita ordem e limpeza, sem faltar nada mantendo tudo novo e atraente para as crianças. Além do meio estar em ordem, o próprio professor terá que cuidar do seu aspecto físico e de seus movimentos, já que isto será o primeiro contato com o meio.

O segundo passo é pensar como irá agir com a criança. Deverá atrair a criança para as atividades, saber como conduzir e despertar o desejo desta criança para determinada atividade.

O terceiro passo é não interferir de maneira alguma em qualquer atividade na qual a criança está concentrada, nem para dizer se está indo bem ou mal, pois o desenvolvimento da concentração é um processo demorado que muitas vezes, com uma interrupção pode não acontecer novamente por um bom tempo⁴⁶.

O professor é um ser passivo que quando necessário, irá delicadamente apresentar um novo material para a criança, sem transmitir a necessidade que existe em aprender determinado material.

A concentração também é primordial. O professor será sempre o modelo de concentração em tudo que faz, mas as crianças por conta de seus períodos sensíveis têm muita concentração ao manipular determinado material, pois seu objetivo é aperfeiçoar seus movimentos e só consegue isso com muita concentração.

O professor nunca deverá interferir na atitude de uma criança com elogios ou punir uma criança por algo que fez de errado. Segundo Montessori, uma criança que necessita da palavra do professor para elogiá-la não tem capacidade de se orientar, quer dizer, não sabe escolher o que quer. Quanto aos seus erros, devem ser percebidos pela própria criança no que Maria Montessori chama de controle de erro. Através do controle de erro existente nos materiais Montessoriano a criança é plenamente capaz de perceber se está fazendo de maneira correta ou não. Não é necessária a interferência de um adulto para mostrar que errou. É de grande importância que o professor assuma seus erros, já que ele é o exemplo que a criança

⁴⁶ MONTESSORI, 1967. p.276

tem de que não há nada de ruim em errar, somos humanos e todos erramos⁴⁷.

A Educação não é algo feito pelos professores, mas sim um processo que se desenvolve espontâneamente no ser humano. Não é adquirida por escutar palavras, mas em virtude de experiências nas quais a criança age no seu meio. O papel do professor não é de falar, mas de preparar e arrumar uma série de motivos para atividades culturais num ambiente especial feito para a criança⁴⁸.

O professor deve ser apaixonado por observar seres humanos, seguindo seus desejos para orientá-los em suas escolhas quando assim for necessário. Segundo Maria Montessori um professor é destinado, por seu trabalho especial, a observar o homem quando sua vida intelectual está despertando⁴⁹.

Na verdade um professor vai aprender da própria criança os métodos para sua educação, quer dizer, o educador vai aprender da criança como se aperfeiçoar como professor⁵⁰.

Para que isso aconteça, o professor que passa pelo treinamento Montessoriano americano realizado na MECA, em Hinsdale, Illinois, tem, no máximo, três anos para completar suas tarefas, que se iniciam com os trinta e cinco dias de palestras e seminários com duração de oito horas/dia. Entre essas tarefas estão a leitura de vários livros, um ano de prática numa escola Montessoriana com um professor, já formado, supervisionando seu trabalho, três visitas de pessoas habilitadas para observar e questionar seu trabalho, a preparação de materiais para a formação de uma sala de aula, dois testes escritos e um prático, apresentação de um diário de campo, uma monografia com tema próprio e dez albuns de apresentações (vida prática, sensorial, matemática, linguagem, história, ciências, geografia, arte, música e administração).

⁴⁷ MONTESSORI, 1967. p.244

⁴⁸ MONTESSORI, 1967. p.8

⁴⁹ MONTESSORI, 1962. p.7

⁵⁰ MONTESSORI, 1962. p.8

Para Montessori, usamos todos os materiais como meio para o desenvolvimento da criança por conta própria e não para lhe ensinar algumas coisas.⁵¹

Depois disso o professor estará pronto para dar início a sua própria sala de aula, tendo que renovar seus conhecimentos e estar de cabeça aberta para receber novas idéias e evoluir. Saberá utilizar ao máximo os meios oferecidos pela sala.

Ele será sempre o modelo para as crianças, mesmo quando não estiver apresentando uma atividade, pois está ciente que a todo instante terá um olhinho observador voltado para ele.

Terá que se organizar para manter suas observações em dia e assim saber exatamente o que cada criança precisa e se adequar as suas diferenças.

Deve saber mostrar para a criança como respeitar outra mais nova, deixando-a ciente de que a pouco tempo atrás tinha a mesma atitude e ensiná-la a apreciar seu próprio desenvolvimento.

O professor deve respeitar a criança como um todo, considerando-a como um indivíduo que tem plena capacidade de aprender e ensinar deixando-a interagir com o meio com o mínimo de intervenção possível.

Os professores se beneficiam muito numa sala de aula Montessoriana, pois não se desgastam com a pressão do tempo que a maioria das escolas dão para ensinar todo um grupo de crianças tendo que aprender uma matéria só de uma vez mesmo que seus alunos não queiram, pois precisam de nota no final do ano.

Contudo não basta somente se ter um professor preparado, todo o ambiente escolar e familiar devem deixar a criança desenvolver livremente suas atividades⁵².

⁵¹ *Montessori, em aula apresentada no dia 23 de junho de 1913 no Curso Montessoriano Internacional*

3.4. As Crianças

Montessori acreditava que o crescimento e desenvolvimento de uma criança dependem de um constante aperfeiçoamento na sua relação com o meio. A razão disso é que o desenvolvimento da sua personalidade, ou o que é chamado de sua liberdade, não pode ocorrer a não ser que se torne progressivamente independente do adulto. Este crescimento acontece com um ambiente adequado, no qual a criança consegue encontrar os meios necessários para o desenvolvimento das suas próprias funções⁵³.

Sendo assim, numa sala de aula Montessoriana, a criança tem a livre escolha das diversas atividades da sala e elas escolherão as que mais irão satisfazer as necessidades do seu período sensível naquele momento.

Com crianças de três a seis anos numa sala, as crianças mais velhas ganham muito, pois serão procuradas pelas mais novas para ajudar a desempenhar certa tarefa e como isso aumenta a autoestima elas têm grande prazer em ajudar, sendo paciente e tolerante com seus colegas.

Outros pontos positivos de uma sala Montessoriana que podem ser facilmente observados são que numa sala de aula com idades misturadas, quando é necessário repetir um ano, a criança não sente tanto a pressão social pois apenas estará na faixa etária dos mais velhos daquela sala por mais um ano.

Quando o trabalho é em grupo, geralmente dois ou três, as crianças sabem dividir as tarefas entre eles, sem mandar na outra e sendo tolerante quando há diferenças no comportamento, havendo muita cooperação.

Uma criança é sempre lembrada pelos seus companheiros pelo que sabe fazer e não pelo que não sabe, sendo que será sempre procurada para ajudar seus colegas nas tarefas que melhor sabe desempenhar.

Numa sala com crianças de diferentes idades, não há pressão de terminar a tempo de entregar suas tarefas com seus colegas. Cada criança escolhe a atividade que mais lhe interessa e trabalha, na maior parte das vezes, individualmente, maximizando seu potencial de aprendizagem.

⁵² MONTESSORI, 1962, p.9

⁵³ MONTESSORI, 1966, p. 185

Não há competição. Já não basta a sociedade inteira pressionando para saber o melhor de tudo, o que consegue mais, o mais inteligente, etc. Com certeza as crianças devem ser preparadas para um mundo capitalista, mas existem outras maneiras e muitos outros anos de vida além da pré-escola.

Já as crianças mais novas têm o mais velho como modelo, imitando-os e muitas vezes iniciando atividades mais difíceis antes do tempo que o fariam se estivessem num grupo da mesma faixa etária.

"As crianças que hoje têm cinco anos estão em atividades muito mais complexas do que as que saíram desta classe no fim do ano. Isso acontece porque elas viram as mais velhas trabalhando, ficavam observando e muitas vezes aprendiam por conta própria sem precisar apresentar. Agora chego a procurar materiais em outras salas para conseguir suprir suas necessidades de aprendizagem⁵⁴."

A capacidade de cooperação é tão grande que algumas escolas chegam a ter deficientes na sala de aula e as demais crianças tratam estas com o mesmo carinho e respeito que tratam os demais colegas, muitas vezes adequando a situações que não seriam aceitas por outros colegas:

Numa sala de aula em Niterói (Creche Escola Smirna) haviam quatro crianças com problemas completamente diferentes, além das outras vinte e cinco crianças. Um garoto de sete anos teve meningite quando bebê e por isso perdeu o controle sobre seus músculos e tinha um adulto o tempo todo ajudando-o a se locomover. No primeiro dia este garoto me cumprimentou com beijos que mandava de longe, mas no segundo cuspiu na minha cara. Eu já havia sido avisada que era normal ele ter atitudes agressivas de vez em quando, por isso não me incomodei. Só que logo depois ele sentou do lado de uma garotinha de uns quatro anos de idade e lhe deu um tapa na cara. A garota colocou a mão no rosto cheia de lágrimas nos olhos por causa da dor que o tapa que marcou seu rosto, mas não retrucou pois sabe

⁵⁴ *Márcia Lotufo - Smirna Creche Escola, Niterói, RJ*

que o menino não tem controle de seus músculos e não teve as mesmas chances de aprender os limites impostos pela sociedade. O garoto pediu desculpas ao seu modo e tudo continuou como estava antes do tapa, a menina e o menino fazendo suas atividades.

3.5. Os Pais

Os pais são os primeiros educadores de uma criança. São parte integrante da escola Montessoriana, que procura aproximar ao máximo o ambiente de sala de aula com o da casa da criança.

Os pais têm uma importante missão. São os únicos que podem salvar seus filhos ao se unirem e trabalharem juntos para a melhora na sociedade. Eles devem apreciar a missão que a natureza os confiou. Têm uma importância primária na sociedade pois controlam o futuro da humanidade assim dão a luz à seus filhos⁵⁵.

Montessori enfatizava a importância da mãe para a criança logo após o parto. Segundo ela, como a criança está passando de uma forma de existência para outra em nenhum momento da vida humana o homem passa por tantos sofrimentos. Devido ao fato do nascimento ser uma experiência tão dramática na vida de uma criança, Montessori acreditava que é essencial para uma criança permanecer nos primeiros dias de vida com o máximo de contato com sua mãe pois esse contato físico ajuda a adaptação da criança ao mundo⁵⁶.

A criança tem o direito a pais que estão preparados para serem pais, pais que possuem um senso profundo de responsabilidade da nova vida que virá de sua união⁵⁷. Isso porque para Montessori a concepção e a gestação afetam a vida pós-natal⁵⁸.

Montessori defendia que não existe ninguém melhor do que os pais das crianças para amá-las e dá-las o que elas necessitam, por isso ninguém melhor que os pais para ajudar na educação das crianças. Sendo assim, os pais podem e devem estar presente na sala de aula para ajudar com algumas tarefas, ou para conversar com o professor que deverá sempre estar aberto para discussões e novas idéias.

⁵⁵ MONTESSORI, 1966. p.215

⁵⁶ LILLARD, 1972. p.106

⁵⁷ PETRUTIS, 1971. p.4

⁵⁸ MONTESSORI, 1967. p.195

4. Vida Prática

Montessori observou que as crianças quando brincam desejam atividades que possam ser escolhidas por elas; gostam de que as pessoas mostrem exatamente como se faz as coisas e ter o materiais e espaço adequado para realizar essas brincadeiras; espera que sua concentração não seja interrompida. Notou que o trabalho adulto é paralelo à brincadeira de uma criança, tanto no produto, quanto no processo. Por isso, preferia chamar a 'brincadeira' de uma criança em seu 'trabalho especial'⁵⁹.

Por isso desenvolveu uma sala de aula que tivesse atividades que fossem experiências reais de vida.

A Vida Prática passa a ser o primeiro contato da criança com esse ambiente, pois começa por satisfazer o desejo interior da criança de ser auto-suficiente. Além disso, permite que a criança tente realizar tarefas que os adultos são acostumados a fazer, dando a oportunidade para seu próprio desenvolvimento.

Os exercícios da Vida Prática são desenhados para ensinar a criança a viver no seu próprio meio por ensiná-la a lidar com as coisas ao seu redor. As atividades diárias do nosso lar são rotinas simples para nós, mas são novas e excitantes para as crianças. Ela deve aprender que há uma maneira correta de realizar qualquer coisa que deve ser feita em casa⁶⁰.

Oferecem a oportunidade da criança entrar em contato com a cultura da sociedade em que vive, já que as atividades são praticamente todas feitas e planejadas pela professora da sala e não comercializadas como as atividades das outras áreas do currículo Montessoriano.

Essas atividades ajudam a criança a controlar seu corpo e adquirir habilidades do tipo concentração, tolerância, aperfeiçoamento de seus desejos, habilidade em 'trabalhar', que leva à satisfação em trabalhar que por sua vez leva ao desejo sincero em ajudar e estar a serviço de outros.

Os materiais de Vida Prática permitem que a criança imite o adulto, que é o que a maioria das escolas tradicionais (norte-americanas)

⁵⁹ GETTMAN, 1987, p.37

⁶⁰ HAINSTOCK, 1968, p.21

providenciam, com a diferença que são utilizados materiais verdadeiros que proporcionam um resultado verdadeiro⁶¹.

⁶¹ CHATTIN-MCNICHOLS, 1992. p.77

4.1. Implicações Práticas

Para se ter o certificado da MECA, é necessário desenvolver um álbum que contenha todas as apresentações de Vida Prática que o professor julgar necessário para seus alunos. No meu caso, desenvolvi cada uma das apresentações desta forma:

Nome da Atividade: sempre utilizar o nome exato da atividade e dizer este nome quando estiver apresentando - "Vou lhe mostrar como usar uma pinça";

Quais os Materiais Utilizados: lista de materiais necessários para se ter a atividade completa;

Apresentação: descrever passo a passo os movimentos usados para demonstrar a atividade;

Objetivo: o objetivo principal de toda atividade de Vida Prática é de oferecer à criança a oportunidade do movimento. Para desenvolver suas vontades em harmonia com o corpo e a mente, para que os movimentos da criança se tornem a expressão de uma pessoa única,

Controle de Erro: mensagem concreta do material, ou do meio, permitindo à criança perceber seus erros, como o líquido derramado ou uma cerâmica quebrada. Através da repetição da atividade a percepção da criança cresce. O adulto ou até uma outra criança podem ser o controle de erro ajudando a percepção desta criança: "Vejo um pouco de água na mesa. Você sabe onde está o pano para limpar?";

Motivo de Perfeição: técnicas ou sugestões introduzidas depois que a criança adquirir confiança numa atividade particular, mas necessita de um trabalho que exija maior concentração e precisão;

Vocabulário: dê a terminologia que é relevante e distinta de cada atividade. Seja consistente no uso das palavras;

Notas: comentários, dicas ou informação adicional que seja importante para você.

Os materiais de Vida Prática são divididos em: Movimentos Básicos; Cuidados com o Meio; Cuidados Consigo; e Comportamento Social. A maior parte das atividades introduzidas por Maria Montessori podem ser mundialmente adaptadas e apresentadas.

Logo abaixo seguem vários títulos e um exemplo de cada uma das divisões de atividades da Vida Prática propostas por ela que são reproduzidas na maioria das escolas em que visitei e inclusive na minha sala de aula.

Movimentos Básicos: atividades que fazem com que a criança aperfeiçoe sua coordenação motora fina e grossa através de atividades que fazem parte das necessidades diárias de um adulto exigindo concentração total na realização da tarefa para concluí-la com perfeição.

Alguns exemplos são:

- Enrolar e Desenrolar Tapete;
- Andar na Sala de Aula;
- Subir Escadas;
- Carregar uma Cadeira;
- Sentar e Levantar da Cadeira
- Carregar uma Mesa;
- Carregar uma Bandeja;
- Como Pegar Água;
- Carregar Água numa Jarra;
- Abrir e Fechar Potes, Portas, Armários, Gavetas, etc;
- Dobrar;
- Costurar;

- Carregando e Segurando um Livro;
- Entornar: Material Seco, Líquido e Material Medido;
- Usar um Funil;
- Espremer uma Esponja;
- Colocar e Tirar Avental;
- Pendurar Toalhas, Aventais, Pá de Lixo, Vassouras, etc;

Cuidados com o Meio: as próprias crianças ficam encarregadas de cuidar da sala de aula, tanto no sentido da limpeza quanto no sentido de manutenção de seres vivos que nela se encontram.

Exemplos:

- Tirar Pó;
- Varrer o Chão;
- Polir Madeira, Prata e Couro;
- Passar Pano no Chão;
- Lavar Janelas e Espelhos;
- Esfregar uma Mesa;
- Lavar Roupas;
- Lavar Louças;
- Passar Roupas;
- Fazer Arranjos de Flores;
- Preparação de Comida: Frutas e Vegetais, Tirar a Casca de Nozes, Cortar Pães, Cozinhar, etc;
- Arrumar a Mesa;
- Cuidados com as Plantas: Molhar, Limpar as Folhas, Plantar Sementes, etc;
- Cuidados com o Ambiente Exterior;
- Jardinagem: Cavar e Preparar a Terra, Plantar a Semente, Molhar Planta, etc;
- Trabalhos com Madeira: Lixar, Martelar, etc.

Cuidados Consigo: cuidados essenciais para a criança aprender e facilitar sua vivência diária tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Exemplos:

- Lavar as Mãos;
- Pentear os Cabelos;
- Escovar os Dentes;
- Soprar o Nariz;
- Limpar-se Após uso do Toalete;
- Vestir e Tirar Roupa;
- Desvirando Roupas no Averso e Pendurando Roupa;
- Colocar e Tirar Sapatos;
- Armações de Vestir: Zíper, Botões, Laços, etc.

Comportamento Social: atitudes socialmente aceitas e propagadas para que a sala de aula torne um ambiente agradável e para que a criança aprenda a responder para alguns cumprimentos regionalmente utilizados.

Exemplos:

- Falar em Tom de Voz Natural e Suave;
- Esperar;
- Interromper;
- Pedir Desculpas;
- Expressar Sentimentos e Responder aos Sentimentos dos Outros;
- Pedir Algo;
- Agradecer;
- Responder e Usar o Telefone;
- Apresentar um Amigo;
- Responder à Estranhos.

4.2. Observações

As observações feitas em sala de aula são primordiais para que haja um desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Isso porque é sempre baseado em observações diárias que um professor Montessoriano deverá basear suas instruções no decorrer do ano letivo, já que não há nenhuma outra forma de avaliar um aluno que se encontra em tal ambiente. Em muitas escolas que visitei, notei que não se é dada a devida importância à essas observações, já que estas exigem um grande esforço e um minucioso planejamento, pois não há nenhum padrão proposto que é desenvolvido nas salas de aula. Sendo assim as observações ficam unicamente a critério do professor.

No meu caso, tenho verdadeiro fascínio facilidade em observar e relatar o que as crianças realizam dentro e fora da sala de aula diariamente.

Minhas observações são trechos compactos baseados em relatos objetivos feitos diariamente em sala de aula por mim e pela professora que trabalha comigo, Elisa Martinelli. Os trechos que incluí no meu trabalho só contém informações que são absolutamente relevantes, ou seja, trechos que incluem somente o que foi observado na realização de atividades de Vida Prática.

Para elucidar melhor como estas observações foram feitas, seguem alguns exemplos das fichas de observações utilizadas em sala de aula. Como temos alunos de três a seis anos de idade, criamos uma pasta para cada idade e estas ficam à nossa disposição em cima da geladeira. Sempre que estamos trabalhando com uma criança, procuramos incluir os dados nessa pasta e também anotamos o máximo de informações que conseguimos entre uma atividade e outra de cada um dos alunos. As observações também incluem dados sobre o comportamento das crianças e as atividades que escolhem por conta própria.

Preenchemos inicialmente a semana a que nós estamos nos referindo. No espaço reservado ao lado do nome de cada criança, nós escrevemos nossas observações colocando o dia em que observamos

determinado acontecimento. Como em cima consta a semana equivalente, somente escrevemos o dia em que a observação foi realizada. Por exemplo:

Observações da semana 23 de Agosto à 27 de Agosto de 1999

Aluno A	<p><i>23 Aluno A escolheu "Caixa do som E" e fez um livro; ficou passeando pela sala com Aluno B; 24 Aluno A escolheu "Caixa do Som D" e fez um livro; brincou na massinha; 25 "Partes do cavalo" eu apresentei e ele fez; "Números de lixa"; 26 "Cubo Binomial"; apresentei como lavar roupas ele quis lavar; 27 Apresentei "Letras de Lixa A, T e P" e ele quis fazer livrinho para levar para casa</i></p>
----------------	---

Alunos da sala em que trabalho durante o período de 8:45 às 11:00 horas da manhã, todas escritas em inglês. Sendo assim, somente traduzi e incluí nesta pesquisa as observações pertinentes ao meu trabalho.

Na próxima página segue um exemplo de ficha de observação inteira, mas ainda vazia:

Observações da semana _____

Outra consideração importante a fazer é que todas as informações constantes nessas observações semanais são passadas para uma pasta individual que cada criança possui com todas as atividades encontradas em sala de aula de cada uma das áreas do currículo.

Nessas pastas individuais, checamos quais atividades já foram realizadas e apresentadas. Utilizamos essas informações em reuniões de pais e também para nosso próprio controle na hora de avaliar a criança e preencher os boletins. Essas informações nos ajudam na hora de preencher as fixas de planejamento de cada uma das crianças.

Num ambiente Montessoriano, também acredito que seja essencial um planejamento das atividades que se deseja apresentar de acordo com observações feitas anteriormente e que mostram a necessidade do professor instruir determinada criança. Esse planejamento exige muito tempo e dedicação por parte dos professores. O planejamento, assim como as observações, fica a critério do professor, pois também não há um padrão a ser seguido.

Desde que iniciei minhas observações, notei uma necessidade enorme de planejar exatamente o que gostaria de apresentar para meus alunos, pois nem sempre conseguia me lembrar quais as necessidades que havia observado no dia ou semana anterior. A partir do momento em que coloquei em prática meu planejamento, foi muito mais fácil para mim e para as crianças prosseguirem nas suas atividades. É claro que nem sempre a criança concordava em ser apresentada a determinado material, mas para mim isso era um sinal de que a criança ainda não tinha o devido interesse necessário para qualquer tipo de apresentação e sendo assim, esperava uma nova oportunidade.

Passei essa minha necessidade de colocar em prática meu planejamento para a professora que trabalha comigo, pois em duas conseguiríamos muito mais. Ela aceitou e me ajudava na hora de apresentar determinadas atividades para determinadas crianças.

Na página seguinte segue um planejamento preenchido:

Apresentações Planejadas para a semana 23 de Agosto à 27 de Agosto de 1999

Nome	Vida Prática	Sensorial	Matemática	Linguagem	*
Aluno A	<i>lavar roupas</i>	<i>cubo binomial</i>	<i>números de lixa 1,2,3</i>	<i>caixa de sons e letras de lixa A,T & P</i>	<i>partes do cavalo</i>
Aluno B	<i>tirar pó</i>	<i>sólidos geométricos</i>	<i>tábua de dez de Seguin</i>	<i>construção de palavras inteiras</i>	<i>mapa mundi</i>
Aluno C	<i>limpar mesa do lanche</i>	<i>cubo trinomial</i>	<i>números e contos</i>	<i>caixa de sons G</i>	<i>partes do corpo humano</i>
Aluno D	<i>fazer laço</i>	<i>terceira caixa de cores</i>	<i>jogo da troca</i>	<i>flanela de sons C,N,L & B</i>	<i>mapa da Europa</i>
Aluno E	<i>lavar louça</i>	<i>gavetas geométricas</i>	<i>jogo da troca</i>	<i>cartões com sons do meio</i>	<i>relógio</i>
Aluno F	<i>lavar os potes de tinta</i>	<i>cilindros sonoros</i>	<i>jogo da memória</i>	<i>cartões com sons iniciais</i>	<i>partes da flor</i>
Aluno G	<i>molhar as plantas</i>	<i>combinação da torre cor de rosa com escada marrom</i>	<i>números e contos</i>	<i>letras de lixa C,N & L</i>	<i>mapa da América do Sul</i>
Aluno H	<i>dar comida para os peixes</i>	<i>cubo binomial</i>	<i>jogo da cobra</i>	<i>cartões com sons do fim</i>	<i>mapa dos EUA</i>

* Este espaço fica reservado para atividades das demais áreas do currículo Montessoriano, como por exemplo, artes, ciências, geografia e história.

Todos os alunos com experiência em sala de aula Montessoriana, estiveram comigo desde os três anos de idade, mas os que já tem cinco anos estavam na sala da professora Juliana Dal Molin, enquanto eu era sua assistente. A partir de Agosto de 1998, todas as crianças que hoje possuem cinco e quatro anos já estavam na mesma sala juntas, enquanto que as de três anos, acabaram de entrar.

Seguem as observações que darão pauta à minha pesquisa:

Aluno 1

Menina de cinco anos e já está numa sala Montessoriana há dois anos:

Semana I:

1. Pedi para que limpassse a mesa do lanche e respondeu NÃO;
2. Fez todas as atividades que estavam na prateleira de movimentos básicos de vida prática, pois estas haviam sido trocadas no dia anterior;

Semana II:

1. Apresentei como lavar roupa e ela quis fazer, fez com perfeição;

Semana III:

1. Lavou a boneca e lavou as louças perto de duas outras colegas, sendo que cada uma delas também estavam realizando atividades de vida prática - cuidados com o meio;
2. Estava passando grãos de arroz de um jarro para outro e derrubou no chão, limpou tudo por conta própria;

Semana IV:

1. Apresentou para um colega de três anos como lavar roupas;

Semana V:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana VI:

1. Lavou o estande de pintura e os pincéis;
2. Foi dar uma volta do lado de fora para cortar flores, preparou seu vasinho e o colocou em cima da mesa;

Semana VII:

1. Passou contas por um fio;

Semana VIII:

1. Não escolheu nenhuma atividade de Vida Prática;

Semana IX:

1. Deu comida para o peixinho;
2. Molhou as plantas;

Semana X:

1. Com a colega 2, limpou a mesa do lanchinho e o chão em volta, sem nenhuma professora pedir e assim que acabou veio nos contar sua proeza.

Aluno 2

Menina de cinco anos e já está numa sala Montessoriana há dois anos:

Semana I:

1. Molhou as plantas da sala de aula;
2. Apresentei como lavar roupas e ela escolheu fazer a atividade em seguida, lavou uns três panos;

Semana II:

1. Apresentei como lavar louças e quis fazer;

Semana III:

1. Lavou as louças perto de duas outras colegas, sendo que cada uma delas também estavam realizando atividades de vida prática - cuidados com o meio e elas conversavam o tempo inteiro;

Semana IV:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana V:

1. Deu comida para os peixinhos;
2. Cortou flores e preparou seu vaso com as flores que escolheu no jardim;

Semana VI:

1. Molhou as plantas de dentro e fora da sala de aula;
2. Lavou as louças;

Semana VII:

1. Passou contas por um fio;

Semana VIII:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana IX:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana X:

1. Com a colega 1, limpou a mesa do lanchinho e o chão em volta, toda orgulhosa veio com a colega 1 até nós professoras para mostrar o que haviam feito.

Aluno 3

Menino de cinco anos e já está numa sala Montessoriana há dois anos:

Semana I:

1. Apresentei como lavar roupas e ele não quis fazer depois;
2. Escolheu a atividade de passar contas por um fio;

Semana II:

Faltou a semana inteira;

Semana III:

1. Escolheu atividades de movimentos básicos junto com um colega e ficaram conversando o tempo inteiro ao mesmo tempo em que faziam as atividades;

Semana IV:

1. Lavando roupas;
2. Movimentos básicos de Vida Prática;

Semana V:

1. Molhou as plantas;
2. Cortou flores e não sabia como colocá-las no vaso, por isso eu apresentei;

Semana VI:

1. Faltou três dias desta semana;

Semana VII:

1. Lavando espelho;

Semana VIII:

1. Pedi para que limpasse a mesa do lanche e ele limpou;
2. Atividades de movimentos básicos em vida prática, junto com outro colega, fizeram quase todas as atividades disponíveis na prateleira de vida prática;

Semana IX:

1. Faltou os três dias desta semana que tiveram aula pois teve dois feriados;

Semana X:

1. Lavou o cavalete de pintura;
2. Deu comida para o peixe.

Aluno 4

Menino de quatro anos e já está numa sala Montessoriana há um ano:

Semana I:

1. Cortou flores e eu apresentei como arrumar num vaso;

Semana II:

Não observamos ele fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana III:

1. Apresentei como lavar roupas e ele quis fazer depois;
2. Lavou a boneca;

Semana IV:

Não observamos ele fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana V:

1. Molhou as plantas da sala de aula;
2. Cortou flores;

Semana VI:

1. Lavou o cavalete de tintas;

Semana VII:

1. Armação de botões;

Semana VIII:

1. Deu comida aos peixes;
2. Atividades de movimentos básicos de vida prática com o colega 5, ambos conversavam muito enquanto realizavam as atividades;

Semana IX:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana X:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Aluno 5

Menino de quatro anos e já está numa sala Montessoriana há um ano:

Semana I:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana II:

1. Molhou as plantas;
2. Lavou o espelho;
3. Lavou o espelho;

Semana III:

1. Martelando;
2. Lavou espelho;

Semana IV:

1. Apresentei como lavar roupas e ele quis fazer, lavou uma única peça, mas caprichou e se concentrou muito;
2. Lavando a boneca;

Semana V:

1. Atividades de movimentos básicos de vida prática;

Semana VI:

1. Lavando espelho;

Semana VII:

1. Passando contas por um fio;

Semana VIII:

2. Atividades de movimentos básicos de vida prática com o colega 4, conversava o tempo inteiro em que realizava suas atividades;

Semana IX:

1. Limpou a mesa do lanche;

Semana X:

1. Lavou louças;
2. Lavou a boneca.

Aluno 6

Menina de quatro anos e já está numa sala Montessoriana há um ano:

Semana I:

1. Passando contas por um fio;

Semana II:

1. Passando feijão de um pote para outro com colher;
2. Abrir e fechar potes;

Semana III:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana IV:

1. Lavando a boneca;
2. Lavando o cavalete de pintura;

Semana V:

1. Atividades de movimentos básicos de vida prática com uma colega, conversando o tempo inteiro;
2. Mostrou para o colega B como martelava e tirava os pregos da argila;

Semana VI:

Não observamos ela fazendo nenhuma atividade de Vida Prática durante esta semana;

Semana VII:

1. Atividades de movimentos básicos de vida prática com uma colega, conversando o tempo inteiro enquanto a colega também realizava tarefas de movimentos básicos de vida prática;

Semana VIII:

1. Molhou as plantas da sala de aula;

Semana IX:

1. Deu comida aos peixes;
2. Cortou flores;
3. Atividades de movimentos básicos de vida prática com uma colega, conversando o tempo inteiro;

Semana X:

1. Lavou a boneca;
2. Limpou a mesa do lanche.

Aluno 7

Menina de três anos e entrou nesta sala este ano:

Semana I:

1. Apresentei como molhar as plantas e ela quis molhar;
2. Apresentei como lavar louças e ela quis lavar;

Semana II:

1. Apresentei como passar líquido de um jarro para outro, mas ela não quis fazer;
2. Abrir e fechar potes;

Semana III:

1. Lavando louça enquanto aluno 9 lavava a boneca e aluno 8 lavava roupa, os três conversavam muito e chegaram a gritar em alguns momentos;
2. Atividades de movimentos básicos em vida prática;

Semana IV:

1. Lavando roupa, fez uma molhadeira e não soube realizar os passos corretamente;
2. Apresentei como lavar roupa, ela quis fazer, mas novamente não conseguiu realizar a atividade corretamente, pedi que secasse e ela secou;

Semana V:

1. Lavar espelho com colega 8;
2. Atividade de abrir e fechar zíper;

Semana VI:

1. Apresentei como utilizar a pinça, quis fazer;
2. Passar líquidos por um funil;

Semana VII:

1. Martelando;
2. Lavando louça;

Semana VIII:

1. Lavando a boneca;
2. Tirando pó;
3. Limpou mesa do lanche;

Semana IX:

1. Lavando louça;
2. Apresentei como lavar roupa;

Semana X:

1. Chave de fenda para rosquear parafuso.

Aluno 8

Menino de três anos e entrou nesta sala este ano:

Semana I:

1. Apresentei como passar arroz de um jarro para outro quis fazer;
2. Apresentei como lavar roupa, quis fazer;
3. Lavando espelho.

Semana II:

1. Apresentei como molhar plantas da sala de aula, quis fazer;
2. Deu comida para os peixes;
3. Movimentos básicos de vida prática;

Semana III:

1. Lavando roupa enquanto aluno 9 lavava boneca e aluno 7 lavava louça, os três conversavam muito e chegaram a gritar em alguns momentos;

Semana IV:

1. Limpou mesa do lanche;
2. Lavou roupa;

Semana V:

1. Observou com atenção a apresentação da colega 6 como martelava e tirava os pregos da argila;

Semana VI:

1. Abrir e fechar potes;
2. Martelando;

3. Rosqueando parafusos;

Semana VII:

1. Abrindo e fechando zíper;
2. Molhar plantas;

Semana VIII:

1. Lavando a boneca;
2. Passando líquido por um funil;

Semana IX:

1. Rosqueando;
2. Passando contas por um fio;

Semana X:

1. Abrir e fechar zíper;
2. Apresentei abrir e fechar botões;
3. Lavando louça.

Aluno 9

Menina de três anos e entrou nesta sala este ano:

Semana I:

1. Apresentei como passar arroz de um jarro para outro, mas sua maior dificuldade era em carregar a bandeja, pois não acreditava que poderia conseguir, não insisti que tentasse, mas disse que conseguiria;
2. Pegou um jarro de cada vez e levou para mesa para não ter que carregar bandeja, pedi que colocasse de volta e tentasse novamente, depois de muito esforço ela conseguiu carregar a bandeja inteira para a mesa;

Semana II:

1. Apresentei como lavar roupa, ela quis fazer, mas não fez passo a passo corretamente;
2. Cortou flores;

Semana III:

1. Lavando boneca enquanto aluno 8 lavava roupa e aluno 7 lavava louça, os três conversavam muito e chegaram a gritar em alguns momentos;
2. Movimentos básicos de vida prática;

Semana IV:

1. Movimentos básicos de vida prática, além de conseguir facilmente carregar as bandejas já está conversando com colegas enquanto realiza atividade;
2. Passando contas por um fio;

Semana V:

1. Limpou a mesa do lanche; Tirou pó das prateleiras;

Semana VI:

1. Abrir e fechar potes; Rosquear parafusos;
2. Apresentei como lavar roupas e ela quis fazer, pelo menos agora secou a atividade por inteiro;

Semana VII:

1. Martelando; Passando contas por um fio;
2. Movimentos básicos de vida prática;

Semana VIII:

1. Lavando roupas; Lavando boneca;
2. Passando líquido por um funil;

Semana IX:

1. Movimentos básicos de vida prática; Lavando roupa; Deu comida para peixes;

Semana X:

1. Lavando boneca; Lavando espelho; Lavando louça, conseguiu seguir todos os passos

4.3. Comentários

"Algumas escolas usam pouco, ou simplesmente não valorizam as atividades de vida prática. Possuem uma atitude negativa com relação às atividades de Vida Prática. Primeiro porque esses professores vêem a Vida Prática como sendo importante somente para as crianças mais novas da sala. Possuem a noção de os três anos que uma criança passa na sala Montessoriana são divididos de maneira que aos três anos de idade a criança deve ser apresentada atividades de Vida Prática e Sensorial, aos quatro anos à Matemática e Linguagem e aos cinco anos Ciências, Geografia e História. Isto é completamente inapropriado. As atividades de Vida Prática devem atrair crianças de três à cinco anos⁶²".

Essa afirmação é correta, pois de todas as escolas que observei, a única que realmente leva a sério o currículo e as apresentações de Vida Prática é a Creche e Escola Smirna, Niterói, RJ. A maioria dos professores estipulam na sua mente a idade limite para apresentar determinadas atividades, pois aprendemos que as crianças passam pelos períodos sensíveis nos quais estão mais propensas a aprender determinada coisa, mas em momento algum estipula que uma criança de cinco anos só é capaz de se interessar por ciências, geografia, história, matemática e linguagem.

Este pensamento é facilmente desmascarado com os três primeiros alunos que demonstram interesse pelas atividades de Vida Prática. Observa-se que estas crianças já possuem uma consciência de que a sala de aula é deles e deve ser bem cuidada, por vontade deles e não por obrigatoriedade, como acontece quando peço tanto para aluno 1 quanto para aluno 2 para limpar a mesa do lanche e ambas se negam, mas mais tarde numa outra semana, realizam a tarefa com enorme prazer.

Já o aluno 3 utiliza várias vezes as atividades de Vida Prática para se reenturmar com seus colegas depois de faltar dias ou até mesmo semanas

inteiras, nem por isso realiza as atividades com menor ou maior interesse que uma criança de três anos, simplesmente é capaz de se concentrar no que faz ao mesmo tempo que conversa.

Os três alunos já possuem controle de grande parte dos movimentos exigidos por essas atividades, e conseguem realizá-las com perfeição, mas nos três casos, voltam a procura-las para aperfeiçoar seus movimentos e mesmo abrir um espaço maior na sua vida social. O exemplo perfeito é quando as alunas 1 e 2 lavam louça e roupa junto com outra colega que lava a boneca como se as três estivessem em sua própria casa já realizando tarefas domésticas aos olhos de um adulto, mas o que elas realmente pensavam naquele momento somente elas seriam capazes de responder.

Muitas atividades que são realizadas pelas crianças de quatro anos exigem tanta concentração, coordenação e senso de ordem quanto exigem de uma criança de três anos. Como por exemplo quando o aluno 4 lava o espelho. Esta é uma atividade que ele gosta de repetir e sempre que a realiza, dedica todo seu tempo para atingir a perfeição. Estes são fatores essenciais para a realização de atividades das outras áreas do currículo Montessoriano, inclusive as sensoriais, que geralmente são as atividades apresentadas na sequência das atividades de Vida Prática, pois ajudam na preparação do senso de organização da atividade que é altamente exigido nas atividades de matemática e linguagem.

Outro ponto importante é quando uma criança apresenta determinada atividade à outra como acontece quando a aluna 6 apresenta para o aluno 8 como martelar pregos na argila. Nesta ocasião ambos ganharam muito. O aluno 8 aprendeu como realizar a tarefa, e a aluna 6 além de aperfeiçoar seus movimentos ao realizar a atividade ainda trabalhou sua auto-estima, pois sem querer se exhibir, mostrou para o colega que é capaz de realizar uma tarefa que ele está aprendendo naquele momento através da sua interferência.

O interesse nesta área, assim como em todas as outras áreas do currículo Montessoriano, varia muito de criança para criança. O aluno 4 consegue passar semanas sem realizar as atividades de Vida Prática, já os alunos 7, 8 e 9, parecem nunca estarem satisfeitos na realização dessas

⁶² CHATTIN-MCNICHOLS, 1992. p.77

tarefas. É claro que tem haver com os períodos sensíveis, já que os alunos 7, 8 e 9 são de três anos e querem mesmo é colocar tudo no devido lugar, mas também tem haver com o tempo em que já possuem contato com o ambiente Montessoriano, pois o aluno 4 com certeza já foi introduzido a muitas outras atividades que os de três anos aos poucos serão apresentados.

Já ouvi muitos comentários de professores que passaram pelo mesmo treinamento que eu, dizer que naquela época do ano nenhum aluno mais se interessava pelas atividades de Vida Prática, por isso ela colocava tão poucas nas prateleiras. Essa fala me impressionou bastante, pois para mim estava claro que quem não se interessava pelas atividades de Vida Prática era a professora e não seus alunos. A necessidade das crianças de realizar atividades de Vida Prática começa numa sala de aula Montessoriana, mas serão realizadas o resto da vida e cada vez com um determinado interesse que pode ser diferente do propósito anterior.

Muitas atividades de Vida Prática são transformadas pelos próprios alunos numa outra mais complicada que envolve outra área do currículo. Um bom exemplo disso é quando a criança resolve contar as colheradas que precisa dar para esvaziar um pote (matemática), ou separar as contas por cores ao colocá-las no cordão (sensorial), ou descobrir a procedência do feijão que entorna de um jarro para outro (geografia), ou ainda cortar flores e não folhas para enfeitar um vaso (ciências), etc... São infinitas as possibilidades de se criar nas atividades de Vida Prática. Os professores devem estar abertos para novas idéias e principalmente aceitar atitudes espontâneas provenientes das próprias crianças, já que estas, uma vez introduzidas no material são capazes de dar origem a uma variedade de outros materiais elaborados por sua criatividade.

Este ano foi o meu primeiro ano como professora e como acompanho as crianças de cinco e quatro anos desde que entraram na escola, sabia que nenhuma professora havia apresentado as atividades de vida prática para essas crianças anteriormente. Resolvi então apresentar atividades da Vida Prática que deveriam ter sido apresentadas assim que essas crianças entraram com três anos, como por exemplo lavar roupas.

Parece incrível, mas o senso de responsabilidade e desejo de realizar qualquer tipo de atividade em qualquer outra área dessas crianças a partir do momento em que dei início a tais apresentações impressiona as demais professoras. Isso porque no ano passado tivemos em nossa sala várias crianças de cinco anos com problemas no comportamento e agora as crianças de cinco, quatro e até mesmo de três anos pedem para nós apresentarmos atividades novas! É como se a peça que sempre esteve faltando em sala de aula fosse a apresentação adequada das atividades de Vida Prática.

5. Considerações Finais

Pelas minhas observações pude concluir que as atividades de vida prática norteiam o interesse das crianças e quando devidamente apresentadas, são capazes de desenvolver um senso de responsabilidade e independência muito forte dentro de cada criança tornando-as imteressadas e curiosas em aprender mais e mais a cada dia.

Notei também que estas atividades, uma vez introduzidas, devem ser mantidas pelas próprias crianças para criar nestas o senso de disciplina interior tão enfatizado pela Dra. Maria Montessori.

Como a Vida Prática é a única parte do currículo Montessoriano que fica quase que inteiramente a critério do professor, muitas vezes não recebe a devida atenção deste e isso com certaza afeta todas as outras áreas do currículo, pois as atividades de Vida Prática são a introdução básica as atividades das demais áreas do currículo.

Percebi que é impossível avaliar os danos causados pela falta das atividades de Vida Prática numa sala de aula Montessoriana, mas é visível a diferença no comportamento das crianças que se encontram em salas de aula nas quais os próprios professores valorizam esta área do currículo. Essas crianças são mais calmas e capazes de escolher por conta própria as atividades que possuem necessidade de aprender. Outra característica marcante das salas de aula que possuem crianças que levam a sério as atividades de vida prática é o senso de responsabilidade sobre o ambiente no qual se encontram.

O senso de ordem desenvolvido em crianças que foram apresentadas às atividades de Vida Prática é muito mais aguçado. Este fato é notável graças a disposição dos materiais que estão sendo utilizados pelas crianças em sala de aula, já que estes podem ser manipulados tanto nas mesas quanto no chão da maneira em que a criança achar conveniente.

Diante de todos esses fatores conluo que as atividades de Vida Prática são essenciais numa sala de aula Montessoriana e afetam, mesmo que indiretamente as outras áreas do currículo. Ainda acrescento que tais atividades facilitam muito a vida de qualquer criança que têm acesso a elas.

7. Anexos



**Departamento de Administração e Supervisão Educacional
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas**

Parecer sobre Trabalho de Conclusão de Curso

Aluna: Camila Isola Guimarães

Título: A influência da vida prática nas outras áreas do currículo Montessoriano

Orientadora: Profa. Maria Evelyn Pompeu do Nascimento

Data: 15.12.99

PARECER SOBRE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente parecer diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna CAMILA ISOLA GUIMARÃES. Intitulado **A influência da vida prática nas outras áreas do currículo Montessoriano**, o texto foi elaborado, sob minha orientação, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogia.

Este parecer atende norma regimental segundo a qual os Trabalhos de Conclusão de Curso devem submeter-se a uma Banca Examinadora composta pelo Professor Orientador e por um Segundo Leitor, geralmente escolhido entre o corpo docente da Faculdade de Educação. No presente caso, foi convidado o Prof. Zacarias Pereira Borges, a quem expresse meu agradecimento pela atenção com que assumiu a tarefa que lhe foi solicitada.

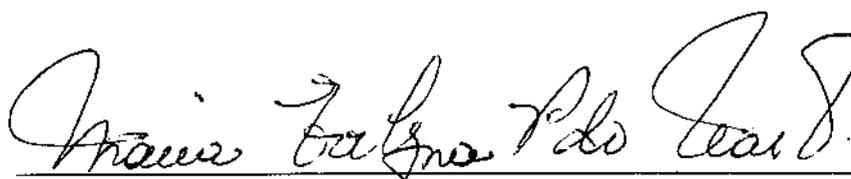
Trata-se de estudo de caso realizado na Escola Americana de Campinas, objetivando verificar a aplicação da metodologia de Montessori, especialmente no que diz respeito às implicações daquilo que é denominado “Vida Prática” no currículo e na convivência infantil no espaço escolar. Para tanto, a aluna sistematizou observações elaboradas ao longo do segundo semestre de 1999, de 23 crianças com idades que variam entre 3 e 6 anos. Tais observações são sistematizadas a partir de embasamento montessoriano, enfatizando: (a) a teoria do desenvolvimento infantil abordado por Montessori; (b) a aplicação em sala de aula dos conceitos da autora; (c) a concepção montessoriana do professor e da

infância; (d) a imitação e introjeção do mundo adulto através de “vivências práticas” pela criança.

O trabalho revela o conhecimento e a intensa vivência pessoal de Camila no que diz respeito ao referencial teórico, principalmente através de viagens de estudo em instituições congêneres, no Brasil e no exterior. Além disto, o trabalho é metodologicamente correto, redigido em bom nível vernacular.

Por fim, um dos méritos mais destacados do trabalho é o de haver trazido à tona a riqueza e a complexidade da abordagem de referência, a qual é, paradoxalmente, menosprezada no País, embora insuficientemente conhecida.

Pelo exposto, atribuo nota **10,0** (dez).



Profa. MARIA EVELYNA POMPEU DO NASCIMENTO
Orientadora

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

2º Semestre de 1999

PARECER SEGUNDO LEITOR

NOME: CAMILA ISOLA GUIMARÃES

RA:

CÓD.DISC.:EP809 - Trabalho de Conclusão de Curso II

TÍTULO DO TCC: "A influência da vida prática nas outras áreas do currículo montessoriano"

PARECER:

O trabalho enfoca o método montessoriano aplicado em uma escola, a Escola Americana de Campinas, e, em especial a importância das atividades da vida prática no respectivo currículo.

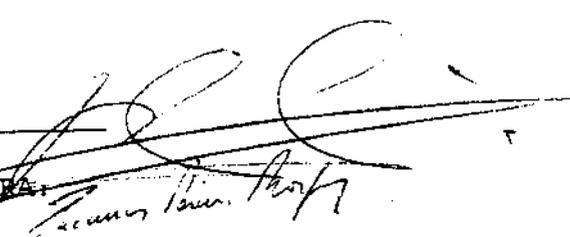
A aluna se vale dos conhecimentos teóricos que adquiriu de várias fontes, bem como da prática construída como auxiliar de classe e professora que agora é na referida escola.

Basicamente Camila descreve resumidamente o método montessoriano, e por fim ressalta a importância que a área de vida prática assume junto às outras áreas do currículo: sensorial, matemática, linguagem, artes, música, geografia, história e ciências.

A monografia alcança relevância, uma vez que, além de demonstrar a capacidade de reflexão e síntese dessa autora, pode servir de base para outros alunos interessados no assunto.

Nota: 10,0

NOTA: _____

ASSINATURA: _____


DATA: ____/____/____

6. Referência Bibliográfica

Kaplan, Frank and Theresa. *The Early Childhood Years, the 2 to 6 Year Old*. Bantam Books, 1984.

Chattin-McNichols, John. *The Montessori Controversy*. Delmar, 1992.

Crain, William. *Theories of Development, Concepts and Applications*. Prentice Hall, 1980.

Erby, Dolores J.. *A Montessori Manual for Parents of Preschoolers*. The American Montessori Society, 1979.

Gettman, David. *Basic Montessori*. St. Martin's Press, 1987.

Hainstock, Elizabeth G.. *Teaching Montessori in the Home*. Random House, Nova Iorque, 1968.

Kaplan, Louise J.. *Oneness and Separateness, from Infant to Individual*. Simon & Schuster, 1978.

Lillard, Paula Polk. *Montessori a Modern Approach*. Schocken Books, 1972

_____. *Montessori Today, a Comprehensive Approach to Education from Birth to Adulthood*. Schocken, Nova Iorque, 1996.

Loeffler, Margaret Howard. *Montessori in Contemporary American Culture*. Heinemann Educational Books, 1992.

Montanaro, Silvana Q.. *Understanding the Human Being*. Nienhuis Montessori, 1991.

Montessori, Maria. *The Absorbent Mind*. Buccaneer, 1967.

_____. *The Discovery of the Child*. Primeira Edição de Ballantines, Nova Iorque, EUA, 1972. Tradução feita do Italiano para o Inglês por M. Joseph Costelloe; baseada na sexta edição feita por Garzanti, Milan, Itália, 1962.

_____. *The Secret of the Childhood*. Ballantine, 1966.

_____. *The Advanced Montessori Method I - II*. Nienhuis USA, California, 1991.

_____. *What You Should Know About Your Child*. Kalashetra, 1976.

_____. *Child Education*. Kalashetra, 1977.

Perry, Celma Pinho. *Montessori all Day*. MECA Seton, 1986.

Perry, Desmond. *Perceptual Motor Development for Young Children at Home and at School*. MECA Seton, 1985.

Petrutis, Doma. *More than Sandpaper Letters: Montessori in the Home*. Child and Family, 1971.

Seldin, Tim and Donna. *The World in the Palm of Your Hand*. The Barrie Press, Maryland, 1986.

Standing, E.M.. *Maria Montessori, Her Life and Work*. Plume, 1957.

Wolf, Aline D.. *A Parent's Guide to the Montessori Classroom*. Parent Child Press, 1975.